



NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

VALORES DO RECIFE

Gilberto Freyre

HA quem ame o Recife com particular amor não só pela sua luz — na verdade sedutora, embora um tanto tirânica pelo próprio excesso da sua pureza tropical — como pelo seu clima. Pelo seu ar, sua temperatura a doçura das suas manhãs e dos seus fins de tarde: doçura de que está tocada a poesia de mais de um lírico recifense de hoje. Principalmente a de Manoel Mota, que é, com Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena, Carlos Moreira, Ascenso Ferreira, poeta dos que trazem a marca do Recife em seus versos.

No fim do século XIX, esteve no Brasil um norteamericano que procurou conhecer o País de norte a sul antes de retratá-lo no livro *Brazil, its condition and Prospects*, publicado em Nova York. Chamava-se Andrews e não era poeta: foi, além de Consul-Geral dos Estados Unidos no Brasil, Ministro do seu país na Suécia e na Noruega. Tendo conhecido os dois extremos de gelo e de sol, de frio e de calor, optou pelo sol e pelo calor. Seu livro é de um tropicista

lista que se apaixonou pelo Brasil: país de sol. Sem invernos ásperos. Sem neves incomodas. E sua maior paixão foi, talvez, a que o levou a exaltar no Recife valores que considerou extraordinários.

Homem inclinado a avaliar um clima pela liberdade que dá às pessoas de permanecerem ao ar livre o ano inteiro — ligando, assim, o trópico ao próprio ideal de liberdade pessoal — pareceu-lhe o clima do Recife um daqueles valores. E a este propósito escreve palavras memoráveis para os ouvidos de um recifense e que são estas, no original inglês: "From all that y can learn, the climate of the city of Pernambuco is the most delightful of any in Brazil. Though a little more damp, it has not the extremes of heat and cold of Rio de Janeiro. All the year round it is favored with the fresh sea-breeze".

Poderia ter salientado o velho hábito recifense de ao ar livre se discutir política, se conversar sobre literatura, opereta ou corrida de cavalo, se realizarem transações comerciais, as mais gráficas. Velho hábito observado por outros viajantes, um deles certo inglês chamado Martin, que notou continuar nambuco, nos comêços do

século XX, um espaço, ao ar livre, sombreado de árvores — com certeza a Lingueta — que era o centro do que os ingleses chamam "gossip" e nós tagarelice ou mexerico: tanto dos brancos importantes da cidade — os que realizavam, às vezes, no meio dessa tagarelice aparentemente toda vã, transações de muitos contos de réis — como da gente simples-carregadores e catraeiros negros e mulatos que se espalhavam à sombra das gameleiras, conversando, jurando e cuspiendo. Conversando e, às vezes, praguejando: pragas — as dos carregadores de côr e as dos marítimos nacionais e estrangeiros — que os papagaios, também numerosos no velho Recife, em suas gaiolas às portas dos restaurantes, hotéis e tavernas da antiga Lingueta, aprendiam com espantosa facilidade, tornando-se, então, preciosos para os estrangeiros. Tornaram-se célebres na Europa esses papagaios do Recife pelos muitos "son of a..." que eram capazes de gritar.

Mau era o hábito recifense — conservado dos portugueses — de cuspir: os homens a todo instante, emporcalhando calçadas de ruas, bondes, escadarias de igreja. De outro inglês é a observação



VISÃO DO RECIFE — Desenho de Luiz Jardim

de ninguém exceder o português na capacidade de escarrar como quem raspasse ou limpasse a garganta com todo o vigor; e um pouco dessa capacidade encontrou Martin nos recifenses de há meio-século.

É um mal que vem se atenuando entre nós, brasileiros. Já não se cospe tanto no Recife ou no Rio como há meio-século; nem os homens de agora escarram com o estridor dos velhos dias.

O Recife é hoje, talvez, uma cidade mais limpa do que o Rio. Menos cuspada e até menos mijada por vadios desavergonhados. Menos emporcalhada por gente incauta em suas defecções. Fotografias que o tempo começa a empalidecer mostram ter vindo até a época dos fotografos o hábito de alguns desses incautos defecarem napolitanamente ao pé das pontes, exibindo traseiros, para escândalo das inglesas mais

severas; e houve tempo em que os despejos se faziam também nas águas do mar ou dos rios que pacientemente vêm tolerando dos recifenses mais cruas toda espécie de maus tratos.

Vingam-se às vezes, é certo, essas águas, desses maus recifenses, inundando-lhes as casas com suas enchentes; matando crianças e velhos; carregando trastes e panelas gente pobre; engolindo pescadores em feras; seduzindo namorados ao suicídio romantico por afogamento nos redemoinhos que fazem às vezes os cadáveres dançar danças macabras. Mas sua atitude normal é a de tolerarem maus tratos com uma paciência franciscana. São águas franciscanas as que servem ao Recife e aos recifenses; e que sob várias formas têm dado à chamada "Veneza Americana" um dos soporosos no estopina suas de paisagem mais admirados pelos estrangeiros.

MOCAMBO DO RECIFE
Desenho de Luiz Jardim



UMA VÍTIMA DE BALZAC

Paulo Ronai

Q UASE todos os grandes escritores da literatura universal têm seus fãs, embora menos apaixonados que os das estrélas de cinema ou dos jogadores de futebol. Recrutam-se menos entre os críticos e os estudiosos do que entre simples leitores e curiosos que à força de lerem assídua e atentamente os livros de seu autor predileto, tornam-se verdadeiros especialistas em tudo o que lhe diz respeito. Na Inglaterra há inúmeros shalespianos "à paisana". Eu mesmo já encontrei na Itália bancários e oficiais, que traziam o seu Dante de cor, e frequentei outrora uma bela coleção goethiana, reunida por um comerciante aposentado de Budapeste, que nunca escreveu de literatura uma linha, mas diariamente lia algumas páginas de seu ídolo. Essas adorações comovem, apesar do que podem ter de exagerado e grotesco, pois constituem um dos vestígios do antigo respeito às coisas da cultura, cada vez mais raro.

Ao Brasil tampouco faltaram e faltam eruditos colecionadores que dedicam parte de sua vida a um único autor. Um belo representante do gênero foi o saudoso Nogueira da Silva. Adepto fanático de Gonçalves Dias, empenhava-se em comprar o seu poeta a todos os outros, um por um, e em proclamá-lo vencedor cada vez; chegou a publicar uma biografia gonçalviana mais cheia de paixão que um volume de polémica ou de versos de amor.

Na França, esse culto de uma obra ou de um escritor é fenômeno ainda mais frequente. Há uma Sociedade dos amigos de Huysmans, outra dos estudos rabelaisianos; há os aficionados de Loti, os

lotianos, há os torcedores de Romain Rolland, e assim por diante. Mas parece que os autores cuja obra suscitou até hoje o maior número de admirações fanáticas, são Stendhal e Balzac.

Lá, há tempos, um interessante artigo sobre essas duas idolatrias. O autor assinala que os stendhalianos se dedicam sobretudo a resolver algum dos inúmeros enigmas da "vida" de Stendhal, ao passo que os balzaquistas se preocupam quase sempre em decifrar algum problema da "obra" de Balzac.

Compreende-se: Stendhal interessava-se antes de tudo pelo homem como indivíduo e passou a vida toda a analisar-se a si mesmo, (recorrendo aliás a toda a espécie de distarques e mistificações para despistar a posteridade) não apenas em seus diários, como também nas personagens de seus livros em Julien Sorel como em Henri Brulard; assim, conhecendo o homem Stendhal, chega-se a compreender melhor a sua obra inteira. Mas o que preocupava Balzac acima de tudo era o homem em suas relações com a sociedade. Embora tenha uma que outra personagem autobiográfica na imensa multidão de figuras da "Comédia Humana", a grande maioria de seus heróis são criações objetivas. Eis por que os apaixonados de Balzac mergulham mais que na vida do romancista na dos seus protagonistas.

Com seus oitenta e seis romances e novelas, suas três mil personagens, sua visão panorâmica da sociedade francesa do começo do século passado, a Comédia Humana não é apenas um dos empreendimentos literários mais imponentes, como também

uma das obras de ficção mais sugestivas, mais excitantes para a imaginação do leitor. A primeira "vítima" dessa sugestão — para empregarmos uma expressão de Jules Vallès — foi o próprio Balzac. Não chegou a interromper um amigo que, de volta de um enterro, lhe contava a dor de família: "Está certo, mais falemos em coisas sérias. Que faremos do pai Goriot?"

Sainte-Beuve relata um caso de sugestão coletiva que levou vários membros da sociedade aristocrática de Veneza a distribuírem entre si os papéis principais da Comédia Humana e a desempenhá-los na realidade. E' ainda ele que lembra o processo de certa mulher, assassina do marido, e que perante o júri se defendeu com trechos de Balzac, decorados. A escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho fala numa senhora de suas relações, que começou a compreender a vida e viver de verdade no dia em que leu o primeiro livro de Balzac.

O feitiço apodera-se dos leitores e transforma-os em pesquisadores. O visconde Spoelberch de Lovenojou, presa do deslumbramento, gasta a fortuna e a vida a procurar manuscritos inéditos de Balzac. O erudito Anatole Cerfber lembra-se de fazer um inventário completo das personagens balzaquianas, catalogando-as como pessoas vivas; e convence-se de tal forma de sua realidade que acaba, num desvário, por se sentir uma delas. Muitos outros balzaquistas são possuídos por venerável monomania: Georges Vicaire devassa todos os papéis da falida tipografia de Balzac para descobrir o nome da amante desconhecida e generosa que o romancista, em suas cartas, chama de "Dilecta"; meu amigo W. H. Royce, em Nova York, não tem outra ambição senão a de ler tudo o que se escreve sobre Balzac e de registá-lo em suas excelentes bibliografias, e o sr. Santiago Gastaldi consagra a existência a entreter um Museu Balzaquiano em Montevideu.

Mas voltemos à França, onde Balzac naturalmente fez o maior número de vítimas e onde seu culto ainda hoje é mais intenso, graças sobretudo ao apostolado de Marcel Bouteron, ex-conservador da coleção Spoelberch de Lovenojou, que reuniu em redor de seus fichários um núcleo de fervorosos adeptos. Um deles, e dos mais notáveis, é Pierre Ripert, escultor de talento e homem de espírito, que encontrou maneira interessante de prestar homenagem ao seu escritor preferido. De tanta ler e admirar a Comédia Humana, ficou com as principais personagens gravadas na memória e acabou por vê-las como se existissem realmente — isto é, como as via o próprio Balzac.

tissem realmente — isto é, como as via o próprio Balzac.

Aproveitando-se das armas de seu ofício, teve a idéia de moldar em bronze, gesso e terracota algumas das figuras mais poderosas da Comédia. A vista dos primeiros êxitos, animou-se a realizar uma galeria inteira de personagens balzaquianas. E aqui temos o pai Grandet, o avarento, provinciano frio e obstinado, que por amor ao dinheiro se torna o algoz da felicidade da filha; o pobre velho Goriot, vítima da afeição excessiva às próprias filhas; o ambicioso Rastignac; a srna. Bradley, a cuja dolorosa agonia assistimos em O Romeiral; o probo perfumista César Birotteau, a quem sua falência leva ao túmulo; e, finalmente, sinistro casal, Vautrin, o galeriano disfarçado em burguês, e a srna. Vanquer, megera disfarçada em dona de pensão, a saírem de braço dado para o teatro. Para executar esse trabalho como o resultado esplêndido que Ripert conseguiu, era indispensável uma leitura atenta de todos os trechos em que aparece a personagem escolhida, a fim de não catar os pormenores significativos. Ao esculpir a figura do presidente Cruchot de Bonfons, aquele que desposa Eugénia Grandet, o artista lembra-se de que ele se assemelhava a um



O PAI GORIOT
Estatueta de Pierre Ripert

grande prego enferrujado. Estudara os costumes da época para verificar que o chapéu usado pela srna. Vanquer na famosa ida ao teatro era o mesmo da tabuleta do Bol na Moda, restaurante famoso de Paris daqueles tempos. Leru tudo o que se escreveu sobre a Comédia Humana para descobrir que o caricaturista Bixiou tinha um modelo vivo na pessoa de Henri Monnier e para dar-lhe os traços deste último. Finalmente, no caso das personagens em que Balzac entendia representar-se a si mesmo, atribuiu-lhes as fisionomias do próprio escritor em diver-

sas épocas de sua vida; assim o radiante moço Félix de Vandenesse tem os traços de Balzac aos 20 anos; o fracassado político Z. Marcas também lhe reproduz as feições mas de 15 anos mais tarde.

Ao examinarmos as fotografias (1) dessas esplêndidas miniaturas francesas e em coleções particulares, não sabemos o que mais admirar: se o escultor capaz de empreendimento tão trabalhoso ou o escritor capaz de inspirar afeição tão almejada a outro artista; se as estatuetas que com tamanha plasticidade encarnam personagens imaginárias ou essas personagens concebidas com tal riqueza de feições, que obtêm uma consagração reservada, em geral, a pessoas de carne e osso.

(1) Estas fotografias fazem parte da edição brasileira da Comédia Humana, em via de ser concluída.



Houve um tempo em que o medidor de luz fazia jus a seu nome. Anos atrás, esse aparelho servia apenas para medir o consumo de luz. Porém, hoje em dia, seu "medidor de luz" representa muito mais. Ele é o símbolo de tantos outros aparelhos que trazem conforto e comodidade para o seu lar. Esse medidor registra o funcionamento de seu ferro de engomar, de seu refrigerador, de seu rádio... E tudo isso por preço tão baixo... pois a eletricidade, que tudo torna possível, ainda é o serviço mais barato nestes dias que correm — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS AND POWER CO. LTD.



BLANCHON ESTUDANTE
Estatueta de Pierre Ripert

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERÇO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346, 5.º andar
Recife — Pernambuco

Diretor:

ESMARAGDO MABROQUIM

Redator-chefe:

ADÉBAL JURÉMA

— Solicitamos permissão com as publicações congêneras...

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.

Número avulso ... Cr\$ 4,00

Números atrasados Cr\$ 6,00

Fora do Estado ... Cr\$ 5,00

REPRESENTANTES

(Barcelona-Espanha) E Cicero

(Barcelona-Espanha) * C. Cero

Dias (Paris-França) * Ariur

Coelho (New York-E. U.) * José

Conde (Rio de Janeiro-E. F.) * Alcântara

Silveira (São Paulo) * Sílvia de Macedo

(Mascote-Ángola) * Jota Soares

(Salvador-Bahia) * Guimarães

Filho (João Pessoa-Parahyba) * Sílvia Ducas

(Pôrto Alegre-R. G. S.) * Hêlo Galvão

(Natal-Rio G. do Norte) * Alphonso

Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) * Dalton

Trevisan (Curitiba-Paraná) * Salm

Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) * Antônio

Glória Barroso (Fortaleza-Ceará) * J. Pedrosa

(Campina Grande-Parahyba) * Lyelo

Neves (Caruaru-Pernambuco).

ALCEU AMOROSO LIMA

Luiz Delgado

QUANDO o tempo nos der a distância e a equanimidade suficientes, descobriremos — nós mesmos ou os nossos sucessores — que um lugar diferente e raro foi ocupado em nossa cultura, nestes anos, por Alceu Amoroso Lima. E nem tivemos o vagar, nem nos demos ao trabalho de procurar saber a exata significação disso, no confundido e contraditório mundo de nossas letras.

Parece que, de fato, não nos estamos apercebendo nem de sua posição nem de sua estatura. E seriam, estas duas noções correlatas pois o que ele é pessoalmente serviria para esclarecer o que ele faz em nosso meio, desde que ultrapassamos aquele plano de puro estelismo que para muitos dos nossos poetas e prosadores, a maioria talvez, não ia além de um beletismo extremamente superficial. O estelismo ainda levava em conta certas emoções profundas e sérias; o beletismo ficava simplesmente no jogo de palavras mais ou menos sonoras. Desde que atravessamos essas zonas fúteis e procuramos impetir um sentido humano às páginas que escrevemos ou lemos, ligar o coração e o destino do homem que está em nós aos cuidados do artista ou aos divertimentos do artifice que podemos ser em certas horas, — desde esse momento houve uma grave transformação em nossa realidade cultural. E é nesse universo de passagem que a figura de Alceu Amoroso Lima aparece como inspirada por uma vocação e desempenhando uma função absolutamente especial.

Como nenhuma geração traz novidades para a face da terra, alguma coisa de idêntico poderíamos vislumbrar, mas num âmbito muito mais restrito, em outras épocas de nossa história intelectual. Poderíamos falar, por exemplo, naquele esforço de revelação do concreto com que naturalistas e realistas procuravam opor-se ao que seria a ingênua expansão de alma dos românticos e os próprios românticos não nos dessemelhança igual, mostrando-nos Gonçalves Dias preocupado com problemas científicos ligados à nossa natureza e José de Alencar envolvido em questões de história, filologia e política. A atividade, tão mal definida ainda hoje de um Tobias Barreto ou de um Silvio Romero tinha o mesmo traço, nascia do mesmo intuito de reduzir as divagações do pensamento às dimensões do real.

Não se tratava, portanto, de uma aventura inédita em nossas letras quando se procurou, nos barulhos literários de 1922, trazer de esferas convencionais e formalísticas para um mais efetivo contato com a cotidiana existência, as nossas realizações artísticas. Mas, as mudanças ocorridas em nossa consciência de povo — pela visão do que se passava no mundo, e nos era comunicado depressa e pelos abalos de nossa vida pois já nos achávamos metidos nas tragédias gerais, — acarretaram uma densidade muito maior para o que iríamos experimentar: ao cabo de curto prazo, já não era numa substituição de processos e doutrinas de arte que estávamos empenhados e, sim, numa áspera revolução de múltiplos aspectos. Revolução política, revolução econômica, revolução técnica, revolução psicológica. E um dilema a impor-se: ou deixar o pensamento puro à mercê de todas essas solicitações divergentes, ou criar nele e para ele, de acordo com as reclamações de sua essência, uma disciplina orgânica.

O drama brasileiro, desde que este século XX começou a mostrar sua fisionomia própria quando a primeira grande guerra se encerrou na Europa, envolve tudo isso. É a realidade mesma de nossa vida de povo que se está mudando sob nossos olhos, pelas nossas mãos, à nossa custa. É a importância da literatura está em que, abandonados os convencionalismos parnasianos e as evanescências simbolistas, ela se sabe colocada entre duas forças: de um lado, essas transformações do mundo concreto, que ela deve representar e exprimir; de outro, as indagações do espírito, a que ela deve dar voz para que haja um domínio da consciência sobre o caos.

Estabelecido esse quadro de fundo, o cenário da turbilhonante mudança de um povo desordenado e infantil, teríamos elementos para melhor apreciar nossos maiores vultos atuais. Pois, já não os podemos estudar só em si mesmos — como seria possível fazer com um Cruz e Souza ou um Afrânio Peixoto. O movimento das gerações que enchem agora o palco, tem outro sentido: Carlos Drummond ou José Lima do Rêgo têm de ser olhados de outra forma. E seria dentro desse sistema novo de referências que haveríamos de nos considerar como convivem, a figura de Alceu Amoroso Lima que abandonou os possíveis sonhos de uma reputação literária harmoniosa e tranqüila para enfrentar as tarefas da mais variada situação intelectual que um escritor brasileiro tenha, porventura, acometido.

A variedade dos temas e dos propósitos e, com efeito, a primeira nota a assinalar

nessa produção longa e larga. O plano das "Obras Completas" que estão sendo editadas pela Livraria Agir, põe à vista essa amplitude qualitativa: lá estão títulos de ensaios literários, jurídicos, políticos, econômicos, pedagógicos; não falta, obviamente, a série dos estudos sobre religião; e a quantidade dos escedentes vai acolher-se a uma sexta parte, versando problemas brasileiros, memórias e o natural, indispensável DIVERSOS.

Contudo, não é somente desse ponto de vista que o plano das Obras Completas dá indicações sobre o trabalho de Alceu Amoroso Lima. Provavelmente, era ele prematuro para tamanha atividade. Vemos, então, os números de ordem crescer para englobar o que não se previra mas a magnífica vitalidade do autor veio criando. E como, de qualquer maneira, havia uma divisão a obedecer, vemos um algarismo 34 surgir ao lado de um modesto 11, e já se inscrevem livros que não trazem qualquer número. Seria, esta, uma observação insignificante se não nos conduziisse para outra feição característica da inteligência de Al-

REALIDADE AMERICANA, cotejando algumas qualidades brasileiras com outras de nossos irmãos continentais dos Estados Unidos, ele escreve — por exemplo —

"O americano tem a ordem no sangue e a liberdade na intenção. Nós temos a liberdade no sangue e a ordem na intenção. Eles construíram uma nação para ter mais liberdade e procuram defender essa liberdade nas leis e nas instituições. Mas, tinham da tal maneira o instinto e o amor da ordem que a impressão que temos, ao passar do Brasil para os Estados Unidos, é a que temos, escrevendo, ao passar de um papel sem pauta a um papel pautado. Tudo ali é pautado. Tudo é a hora e a tempo. Tudo é programado e encadeado. Tudo obedece a uma ordem que parece nascida com o primeiro americano... Ao passo que nós labutamos, há quatro séculos, para construir uma ordem, uma ordem política, uma ordem econômica, uma ordem cultural, uma ordem religiosa, mas temos de tal maneira a liberdade no sangue, que tudo parece, perdê-me a expressão, uma bagunça". E o

e de nosso pensamento e até mesmo de nossas relações com o sistema de vida de outros povos, deixará de descobrir nessas páginas sugestivas e tópicos que diretamente lhe interessarem e alguma coisa lhe ensinarem.

Certamente esses temas não são considerados por Alceu Amoroso Lima de um ponto de vista de onde sobretudo se obtém suas manifestações singulares e típicas. E, antes, o ponto de vista do universal e do essencial, o que ele prefere. Mas, esse realista que jamais desincarna os homens e para quem a própria Redenção não se processa apenas em alma e fé, mas em carne e sangue, — sabe o preço e o significado dos acidentes que revestem toda substância e através dos quais ela se nos torna tangível e presente. Deparamos, então, em sua obra a dualidade indelével de tudo quanto é real — o fundo conceitual congregado à aparência corpórea, o princípio abstrato ilustrando o caso especial brasileiro.

Depois desse universo dos destinos gerais, vemos na obra de Alceu Amoroso Lima os ideais que ele defende, manifestarem-se de outro modo — no universo das intimidades pessoais.

A sensibilidade ao segredo de cada ser, ao intraduzível e indizível de cada coração, põe nas suas páginas uma constante nota lírica. Há uma pequenina coisa dita por ele, que vale como legenda de vários capítulos seus. É a passagem do A EUROPA DE HOJE em que conta a visita feita "num fundo de hospedaria escura, em pleno Paris" à famosa criada de Proust: ela tem "a figura de uma velha criada minha que me acompanhou a Paris quando eu tinha seis anos". E eis que as reminiscências se misturam de uma babá loura e outra negra, o coração viaja até uma lousa de cemitério, uma data de morte, um apelido familiar sem qualquer a companhia. E o escritor adverte: "é assim que juntamos as nossas evocações mais íntimas e insignificantes para o mundo, aos acontecimentos mais memoráveis para todo o mundo".

Tais recordações íntimas, só na aparência insignificantes, brotam de vez em quando nas páginas que poderiam ser mais abstratas ou teorizantes da obra de Alceu Amoroso Lima, concedendo-lhes uma palpitação, uma cordialidade, uma simpatia, que já são elementos integrantes do seu feltro literário.

E como os extremos se tocam, passamos da calada penumbra do coração assim entremostrado para a fulgurante luz do Reino de DEUS que, conforme diz o Evangelista e vem citado na página de rosto do segundo livro do ano passado de Alceu Amoroso Lima, INTRA VOS EST.

A descoberta da religião, tanto no silêncio interior quanto na disciplina exterior e eclesiástica, ninguém ignora a importância que tem no pensamento e na história de Alceu Amoroso Lima. Será para muitos — ainda, oh! DEUS! — uma importância deformadora e restritiva; o desmpeido crítico literário do primitivo rodapé do JORNAL terá passado a ser um simples sectário, depois daquela manhã de agosto de 1928 em que conungou aos pés de um altar da igreja de Santo Inácio. Aos intolerantes censores dessa pseudo-intolerância valeria a pena conferir os critérios de isenção e imparcialidade... Baste, porém, contrapor-lhes o depoimento flustre de uma mulher inteligente e sincera como a Sra. Raquel de Queiroz, a propósito do livro que foi escrito por Alceu Amoroso Lima sobre os Estados Unidos.

Em virtude mesmo daquela força e espontaneidade de vida que são o homem nítido, em virtude do seu âmbito literário coerente e generoso, ele não haveria de servir a DEUS com reticências e semiticas. A sua conversão deu à sua vida um ideal heróico, o sentido de uma comunhão incomparavelmente mais profunda que a simples solidariedade, uma disposição de serviço e de luta — tudo isso, em suma, contra cuja ausência se rebelam quantos sabem que a arte não há de ser um refúgio nem a meditação um segredamento. Pois, só se vence o arbitrarismo estético dando-se à criação artística um significado de ação humana, de esforço em prol de nosso destino comum. E esse destino não depende só de integração nas massas ou de promoções econômicas... Depende, mais que tudo, de elevação pessoal. Até além da natureza, se há uma sobrenatureza. Até o convívio com DEUS, se DEUS existe.

Para ajuizar da obra de Alceu Amoroso Lima, temos que examinar por isso, o endereço de humana utilidade posto por ele em suas idéias e em seus livros. Nada seria mais oportuno do que faz-lo à margem do seu mais recente volume — um ensaio sobre o que são em si mesmos e o que poderiam ou deveriam ser em suas re-

(CONTINUA NA 4ª. PÁGINA)



ALCEU AMOROSO LIMA

ceu Amoroso Lima: sua total espontaneidade.

Nenhuma outra marca será tão nítida em tudo quanto ele escreve. Cada pensamento seu, cada palavra sua transbordam do coração — e será isso, talvez, o que apaga ou diminui, em certos setores, o alcance do que ele diz: pois, haverá quem não compreenda o valor de uma grande lição exposta em ar de conversa. A imensa cultura — e será mister redescobrir o completo poder da expressão sob sua máscara de lugar-comum: a imensa cultura de Alceu Amoroso Lima esconde-se debaixo dessa aparência cordial. Ele não valoriza, não explora, não rogatela o que sabe. Diz, através de um livro, a uma porção de críticos empobrecidos o que diria num primeiro encontro, havendo ocasião, a um adolescente cujo nome não soubesse mas cuja curiosidade adivinhasse. Com a mesma simplicidade, a mesma voz, o mesmo gesto. E reponta então, em seus ensaios mais graves, a expressão familiar, o vocabulário que só se usa entre amigos e, por isso mesmo, deve ter uma eloquência categórica para romper a rotina e suscitar vibrações.

A folhas tantas do seu último livro A

que há de mais inesperado aí, a meu ver, é a rosalva, o pedido de perdão.

Não direi que algumas vezes essa naturalidade não se torne quase descuidado de estilo. As frases ganhariam em ser melhor articuladas. Mas, Alceu Amoroso Lima não se detém nessas minúcias, nesses rigores. E não será desdém, nesse espírito jamais desdenhoso: será a certeza de valores mais altos implícitos no que tem a dizer.

Distribuem-se esses valores por dois universos.

Primeiro, o universo dos destinos gerais. Eis aí um homem preocupado com a sorte dos homens. E como os homens não são indivíduos dispersos, preocupar-se com eles é preocupar-se com os grupos em que vivem e com as instituições em que corporificam os achados de sua inteligência e os hábitos de sua existência, com a sociedade e a cultura. Em nenhum escritor brasileiro encontramos tão numerosas reflexões sobre tão diversos assuntos. Os volumes ou as crônicas de Alceu Amoroso Lima são um largo fórum onde circulam todos os debates. E nenhum interessado pelos problemas de nossa organização

Os Grupos Econômicos, As Classes Sociais

E A POLÍTICA ECONÔMICO-FINANCEIRA ADOTADA PELO GOVÊRNO DE CAFÉ FILHO

DIANTE da política econômico-financeira do governo, os grupos econômicos e as classes sociais dividem-se, apoiando ou combatendo a orientação que vem sendo seguida pelo ministro da Fazenda. Nesse sentido, não têm sido poucos numerosos os pronunciamentos. Dificilmente, todavia, pode-se afirmar que haja uma oposição monolítica, à nova política do Ministério da Fazenda. Pelos pronunciamentos, de d'uz-e que há grupos econômicos na oposição, de um lado, e, de outro lado, grupos que apoiam o sr. Eugênio Gudin. (Isto dentro de uma mesma classe). Não fica aí, no entanto, a divisão da oposição à política econômico-financeira do governo. Não somente as classes estão divididas, mas também os grupos econômicos. Há grupos, por exemplo, que não têm uma posição uniforme perante essa questão. Parte de um mesmo grupo nega inteiramente a justiça da política do sr. Eugênio Gudin e parte discorda dele por determinado ângulo, apenas.

No fundo, porém, qual o fator determinante da posição de todos esses grupos econômicos e classes sociais diante da política econômico-financeira do governo do sr. Café Filho? Os pronunciamentos desses grupos e classes respondem à pergunta.

Vejamos:

Posição dos industriais

Como classe, os industriais não têm uma posição firme em frente a esse problema. Eles estão divididos — parte na oposição, parte apoiando e uma parcela menor opoñdo-se à política econômico-financeira, que vem sendo adotada pelo Ministério da Fazenda, por determinado ângulo, apenas.

Mas, de um modo geral, eles se dividem em dois grandes grupos: os que combatem e os que apoiam o sr. Eugênio Gudin. Os primeiros dizem que a restrição de crédito, que vem sendo posta em prática como medida deflacionária, representa um suicídio para o Brasil e conduziria a Nação aos caos sociais. Pois — argumentam — não é possível resolver os problemas econômicos e sociais do Brasil, hoje, sem um aumento de produção em todos os setores. E, para isto, o crédito é indispensável, principalmente se se toma em consideração o pequeno volume de capitais existentes no País.

Partindo desse pressuposto, esse grupo advoga a facilidade de crédito e a emissão para fins reprodutivos.

O segundo grupo, ao contrário, acha que as medidas de saneamento financeiro tomadas pelo sr. Eugênio Gudin representam, de fato, o caminho de salvação para o Brasil. Consideram as facilidades de crédito como um fator inflacionário e advogam uma rigorosa compressão das despesas públicas, inclusive com a paralisação de obras e a entrega (sob arrendamen-

to) de determinadas empresas pertencentes a União (como Loide, Estradas de Ferro, etc) as empresas particulares. Sem isso — dizem — não poderá haver salvação para o Brasil — ele marchará inexoravelmente para o abismo, para o «caos social».

Quasi sempre, fazem parte do primeiro ou do segundo grupo industriais que representam forças econômicas diferentes. No primeiro, por exemplo, encontramos os pequenos e médios industriais, cuja produção é, fundamentalmente, destinada ao mercado interno; suas indústrias, de um modo geral, são constituídas por capitais nacionais e não têm grandes possibilidades de concorrerem no mercado internacional. Do segundo grupo participam as grandes indústrias, que operam tanto nas praças do Brasil como nas de todo o mundo. Geralmente, elas dispõem de um grande capital e o volume de seus negócios é de vulto grandioso. Por outro lado quasi sempre, estão ligadas direta ou indiretamente a determinado ou determinados estabelecimentos de crédito.

Comerciantes: liberdade de comércio

Os comerciantes (como classe, já se opõem a aspectos outros da política econômico-financeira do governo. De certa maneira, limitam-se a combater quaisquer aumentos de impostos, taxas ou tributos e a exigir a liberdade de comércio. Dizem que os impostos são o fator determinante do alto custo de vida e, por outro lado, o controle dos preços e do comércio exterior ferem os princípios da livre iniciativa, determinando, igualmente, o encarecimento do custo de vida e as dificuldades de abastecimento. São visceralmente contrários a qualquer intervenção do Estado na economia e consideram a COFAP e a CACEX (órgão que controla o comércio exterior) verdadeiros entraves ao progresso do País e ao bem estar do povo. Achem que a política justa deveria ser a mais ampla liberdade de comércio — tanto interna como externa. Para isso deveriam ser abertas, inclusive, as fronteiras do Brasil aos capitais e produtos estrangeiros, sem nenhuma restrição, posto que — segundo eles — até hoje a experiência demonstra que a intervenção do Estado no setor econômico só tem sido negativa, danosa à economia nacional.

Entretanto, conai é e r a m verdadeiro absurdo a isenção de impostos para os produtos que são vendidos pelas barracas do SAPS ou COFAP. São de opinião que se as contingências político-econômicas e sociais do período em que estamos vivendo, recomendam medidas de exceção, visando o bem comum, deviam ser adotados métodos de exceção em caráter de profundidade, de modo a beneficiar o mercado consumidor em sua totalidade. Isto é, pedem medidas de exceção para todos os gêneros alimentícios, Ágrios es-

O fator determinante da posição dos grupos econômicos e classes sociais em relação à política do Ministério da Fazenda — Os industriais estão divididos — Os banqueiros consideram injustas e erradas as portarias 105, 106 e 108 da SUMOC — Os comerciantes combatem o aumento de impostos — A classe média, os operários e camponeses — Notas

Jaime Campos

preciais para a importação de produtos considerados necessários à vida e à economia nacionais e, finalmente, que todos os participantes da distribuição de mercadorias (os comerciantes) gozem das facilidades que venham a ser adotadas pelo governo.

Os banqueiros estão unidos

Os banqueiros, em seu conjunto, opõem-se ferozmente à política econômico-financeira do governo. Dão combate sem tréguas às instruções 105, 106 e 108 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC). Dizem que elas (as instruções) contrariam o princípio da concorrência entre os bancos, determinam a retração dos depósitos, em estabelecimentos de crédito particulares não afetam o nível dos meios de pagamento, prejudicam os negócios dos bancos e, por último, têm a função precípua de transferirem os depósitos dos bancos particulares para o Banco do Brasil.

Em resumo, os banqueiros consideram a atual política econômico-financeira como sendo altamente prejudicial à economia nacional. Dizem que as três instruções da SUMOC (105, 106 e 108), no fundo, convergem num sentido estranho e sem proveito para a economia nacional: restringem as operações bancárias da rede particular para incrementar a posição do Banco do Brasil, ou para alargar o contingente da moeda em poder do público, deixando a maior parte do meio circulante sem controle financeiro.

Para eles, a política justa seria a taxa de juros livre, juros mais baixos para o redescuento dos seus títulos e menor porcentagem (sobre o montante dos depósitos de cada banco) a ser recolhida ao banco do Brasil. Nesse último aspecto, aliás, dizem que o ministro da Fazenda está confiscando indebitamente os depósitos dos bancos particulares para o Banco do Brasil.

Outras classes e grupos

Há ainda a considerar a posição dos agricultores, classe média, operários e trabalhadores do campo. Torna-se, todavia, difícil precisar qual a posição dessas camadas da população. Elas, depois de 24 de agosto do ano passado, têm se mostrado reservadas, fazendo poucos pronunciamentos, sem profundidade, quase sempre.

Não há sombra de dúvida, no entanto, que não estão satisfeitas com a linha seguida pelo governo na esfera da economia e das finanças. Os pri-

meiros (os produtores agrícolas, cuja produção é exportável) têm verdadeiro pavor aos leilões de ágrio; consideram-nos um verdadeiro confisco de seus bens e reclamam, por outro lado, melhores bonificações para os seus produtos exportáveis. Já a classe média e os operários não escondem, embora de forma discreta, o seu descontentamento em relação à atual política econômico-financeira. Sentem-se inseguros, sobressaltados, com as constantes elevações dos preços das utilidades; vêm que os seus rendimentos têm um poder aquisitivo cada vez menor; atormentam-se com a privação obrigatória, cada mês, de mais alguma coisa essencial à vida, posto que os seus orçamentos domésticos não crescem na mesma proporção em que se eleva o custo de vida.

Igualmente, já começam a sentir médo do fantasma do desemprego. Isto porque ao novo salário mínimo, sucedeu-se uma onda de demissões, que veio aumentar o número dos sem trabalho, por falta de serviço (Com a agravante do êxodo rural).

A massa camponesa, por sua vez, continua muda, preferindo correr para as grandes cidades em busca da própria sobrevivência. Somente este fato, é bastante eloquente para situar bem a sua posição, levando-se em conta que ela, como camada social, não discerne os problemas politicamente: encara-os sempre com um fundo de misticismo: «Deus quer que seja assim, assim seja».

Duas grandes correntes

Ao lado das posições peculiares a cada grupo, pode-se considerar que as diversas camadas da população, hoje, tendem a se agrupar em torno de duas grandes correntes, frente a política econômico-financeira do governo. Isto porque, independentemente dos aspectos crédito, produção, intervenção no Estado, nas atividades econômicas, etc., apresentam-se outros ângulos da questão, que podem arrebanhar elementos dos diversos grupos para uma corrente de opinião comum.

Destá maneira, encontramos as duas seguintes correntes que tendem a se formar para se debaterem por problemas de ordem geral, ao lado de reivindicações comuns a esse ou aquele grupo. Uma que defende em linhas gerais: facilidades para o capital estrangeiro, participação do capital privado, nacional e estrangeiro, na exploração das riquezas minerais do País, inclusive na exploração do pe-

troleo, negociações de empréstimos estrangeiros para o equilíbrio financeiro, relaxamento do controle externo, aumento da produção agrícola, entrega de empresas da União a empresas particulares, compressão das despesas públicas, inclusive com paralisação das obras públicas, etc; e outra corrente que se bate, em linhas gerais, por: industrialização do País, aumento da produção agro-pecuária, facilidades de crédito, aplicação dos ágrios na produção (falá-se até na emissão de um bonus de produção a ser financiado pelos ágrios), industrialização do petróleo pelo Estado, facilidades para a importação de máquinas destinadas à indústria, expansão do comércio exterior, aproveitamento do potencial hidroelétrico do País, desenvolvimento da indústria de ferro e aço, mecanização da lavoura, etc.

Com efeito, as classes sociais e os grupos econômicos, como sempre, dividem-se frente a determinada orientação econômico-financeira, conforme a sua posição na produção; unem-se em blocos comuns, quando têm objetivos idênticos a defender. Podendo, todavia, tomarem posição diferente em determinadas peculiaridades e caminharem juntos para conseguir reivindicações que representam um divisor comum entre eles.

Todavia, a luta por reivindicações peculiares a cada grupo, no momento, é exatamente o que está determinando a divisão e a oscilação das

duas alas, que se defrontam com os problemas econômico-financeiros da Nação. Isso porque, para muitos, o fundamental tem sido a defesa de suas reivindicações particulares. Isto é comprovado pela própria vida: encontramos, muitas vezes, elementos que defendem reivindicações peculiares aos interesses do grupo econômico a que pertencem, mas por outro lado, em se tratando dos princípios mais gerais da política, colocam-se do lado oposto, e vice-versa. A muitos isso pode parecer um paradoxo. Todavia, é a realidade que se nos depara, hoje. Não há sombra de dúvida, porém, que com os choques e entrechoques, as camadas da população tomarão posição definida em torno de todas essas questões. Isto porque a experiência, a própria vida, fará com que elas compreendam a discernir melhor as coisas a compreenderem que, quase sempre, os verdadeiros interesses de determinado grupo não estão na defesa de uma reivindicação imediata, mas na defesa de princípios mais gerais, que embora possa aparentar uma coisa para um futuro distante, encarna, realmente, os interesses de um indivíduo, de uma parte de grupo ou de um grupo, de toda uma classe. Concluído, finalmente, que se determinada política econômico-financeira atinge, hoje, parte de um grupo ou de todo um grupo econômico, a classe a que pertence esse grupo será atingida amanhã, fatalmente, se não se modificar a orientação que vem sendo seguida.

ALCEU AMOROSO LIMA

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAGINA)

lações não tanto econômicas ou políticas quanto morais, conosco, os Estados Unidos. Ao termo das numerosas crônicas em que anotava a sua permanência de dois anos na poderosa república — e anotava-a com uma paixão impressionante, tomando partido, como foi o caso na disputa eleitoral entre Eisenhower e Stevenson, — empreendeu este um novo livro para medir, ponderar e entender essa enorme e complexa realidade coletiva que pesa hoje nos destinos comuns dos povos, de modo tão singular. Não é um livro escrito para contar um passeio ou reviver uma vilegiatura. Para assumir uma atitude de elogio ou combate, eliciando simpatias de um lado ou de outro. É um esforço varonil de penetrar e interpretar. E de ajudar a viver.

Ele é, sem dúvida, o escritor brasileiro que mais se empenha na construção das cidades do futuro, das civilizações que se hão de erguer mais tarde, num terreno sólido de fraternidade e bom senso ou num chão convulso de insanidade e de ódio. Talvez não estejamos dando à sua voz, no Brasil, o êco merecido e necessário. Mas, na Europa ou na América, nos Estados Unidos, no Chile ou na Colômbia, onde quer que tenha andado, com seu alto corpo, seus olhos claros, seus gestos amigos, sua inteligência agudíssima, seu coração honesto e fraternal, ele marca a passagem e assegura a duradoura presença de um Brasil melhor e maior, o Brasil que ainda não somos. Através do seu pensamento que nem sempre paramos para escutar, o mundo nos ouve um pouco. Espero que ele venha ao Recife ainda este ano e a nossa pronúncia saiba recebê-lo.

DE ADALBERTO MARROQUIM

A TRAIRA FILÓSOFA

CERTA vez, numa lagoa,
Onde a água mansa não boia
A Carlos D. Fernandes
E a sombra é discreta e boa;
Cercada da imensa prole,
Uma traíra experiente
Deitava o verbo, eloquente:

— "Minhas filhas, escutai
E prestai toda a atenção
As frases de vosso pai:
(Vossa mãe, por convenção)

Sois ainda pequeninas,
Sois tolas, sois inocentes
E, à maneira das meninas
Humanas, sois imprudentes.

Por isso mesmo vos digo,
O' minhas filhas queridas,
É mister contra o perigo
Acautelar vossas vidas.

Que este lago tão sereno
É abundante, minhas filhas,
É decerto muito ameno
Mas é cheio de armadilhas.

Exemplo: o anzol, a caigara,
O covão e, enfim, toda sorte
De ardis que o homem prepara
Para atrair-nos à morte!

Que a rede arraste a nós todos,
Vá lá; é muito explicável.
Mas cairmos nos engodos
Dos anzóis, é indesculpável.

E digamos a verdade
Sem reboços, pura exata:
A nossa voracidade,
Nossa gula é que nos mata.

E se este vício não passa,
Com toda a sinceridade,
Se extinguirá toda a raça!

Vêde a história da piranha,
Além do mais, picaresca:
Em vendo um trapo encarnado,
Avança, o anzol abocanha
E engole o duro bocado,
Supondo que é carne fresca.

Pois, nós, *mutatis mutandis*,
— Continuou a traíra —
Somos tolas e tão grandes
Como a piranha — "ca'pira".

E sorrindo da piada
A malandra perorou:
— "Gravai pois, ó prole amada,
Os conselhos que vos dou.

Se virdes náguia esticado
Um longo fio delgado
Com um sapo que vos apraz,
Fugí, fugí, que este sapo
Tal qual como aquêl trapo
Tem um anzol por detrás!"

Tocou-lhes fundo, nas almas,
A bela peroração
E só não bateram palmas
Porque peixe não tem mão.

Mas apenas terminara
O seu discurso eloquente,
Essa traíra preclara,
Pela cauda rente, rente,
Sentiu que um fio passara...

Olhou, então, de soslaio
E, vendo um gordo cassote,
Não se conteve e, de um bote,
Arremeteu como um raio
Contra o anzol e...
Foi um dia
Discursos... filosofia...

* * *

O BODE E O TOURO

UM Bode e um touro viajavam juntos,
Trocando idéias, muito calmamente,
Como se fossem gente,
Sobre casos rurais e outros assuntos.
Quando surgiu, na curva do caminho,
Uma súcia de cabras descuidosas,

Do jornalista e escritor Adalberto Marroquim, que faleceu no Recife em 1939, aos 52 anos de idade, pouco se conhece. Versos, crônicas literárias, estudos linguísticos, ele os fez em grande número; a poucos, no entanto, chegou a dar publicidade. Jornais de Maceió e desta capital apresentaram alguns deles, inclusive o soneto a Antônio Nobre, que José Auto considerou "a mais bela coisa que já se disse em versos" sobre o poeta português e que de Albino Forjaz Sampaio mereceu referência não menos expressiva.

Tão decotadas como as "melindrosas"
Senão menos, talvez, um bocadinho...
De maneira que, ao vê-las, nosso Bode,
Cre-am, ficou doidinho!
Descrever, francamente, ninguém pode
A fúria de que o bicho se tomara
Para fazer a acrobacia rara
Que naquele momento executou,
E todos os espirros que espirrara,
E todo o bodejar que bodejou!
Contando a história ao Burro, disse o Boi:
— "Só se vendo, se sabe como foi" —
E acrescentou: — "O Bode era um vuleão
Que se abria entre as cabras aterradas.
Pior que o Fudji-sama no Japão!"

As cabras, atacadas,
Fugiram para as grutas, alarmadas.

Neste número, NORDESTE inicia a publicação de trabalhos do jornalista e escritor pernambucano.

Começamos pelos seus primeiros sonetos e poemas, sem esquecer as fábulas que escreveu em 1931, logo após a Revolução que o meteu num cárcere em Maceió (era vice-governador do Estado), e o submeteu aos julgamentos de famoso tribunal de exceção. Nestas fábulas ele se vingou, satirizando-os, dos heróis e dos "juizes" da época...

Desculpe-me, porém, este ar solene
De La Fontaine
E vamos ao que serve:
Você foi rigoroso em demasia,
Passando-me essa atrás descalçadeira.
Por que? Por uma simples brincadeira
Que outro bicho qualquer desculparia
Inda que a cena fôra verdadeira!
Sim! Porque, em suma, o meu temperamento
É um produto de taras milenárias
Das quais eu sou um mísero instrumento.
Como bom ser, que sou, determinado.
Eu, você e as restantes almas.
Demais, meu caro amigo,
Se pensa que não espera alguma pena,
Está você muitíssimo enganado;
Pois se nunca lh'o disse, agora o digo.
Compadre, eu sou capado".

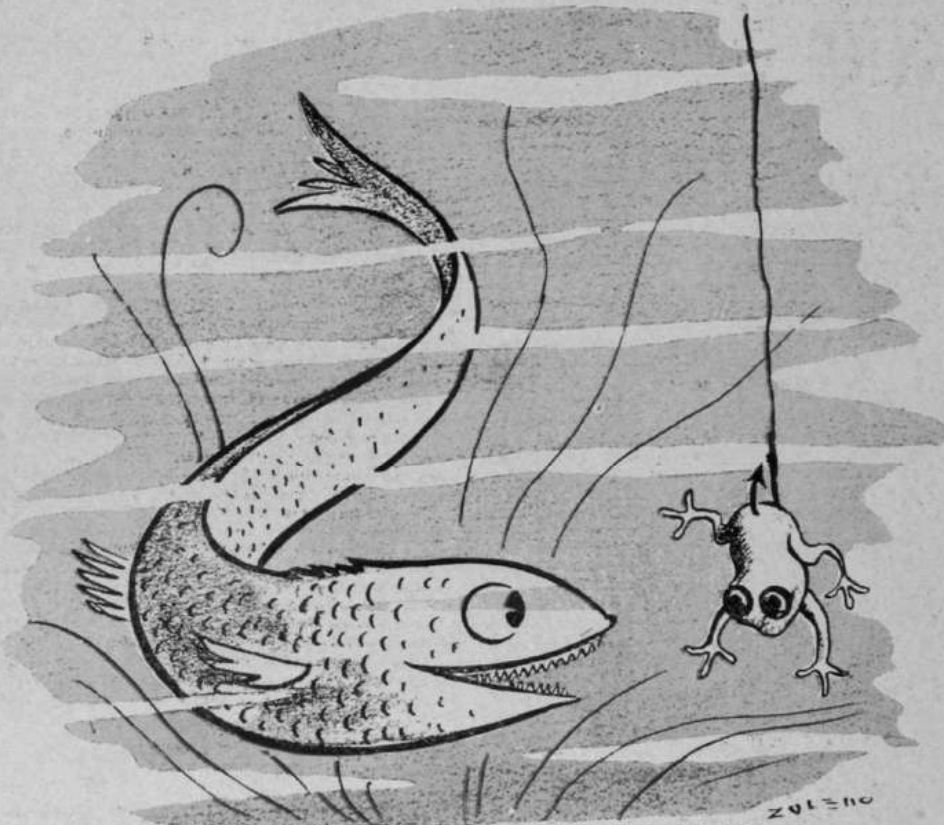


Ilustração de Zuleno Pessoa, para a fábula "A Traíra Filósofa"

— Dê-se-lhe o Bode — E, se duvida, observe...
E, momentos depois, esbodegado,
Daqule acesso de libidinagem,
Com o cavanhaque todo esfrangalhado,
O Bode junto ao Boi seguiu viagem.

— "Compadre Bode — disse o Touro amigo —
Perdi-me a impertinência do conselho,
Mas eu, na qualidade de mais velho,
Vejo melhor as coisas e lhe digo:
Você se estraga, deixe de imprudência,
Seja mais ponderado e comedido
Porque, se vive como tem vivido,
Dá cabo da existência!
Além disto, desculpe-me a franqueza,
Considero uma falta de atenção
Você deixar-me em meio do caminho
Somente por amor à safadeza,
Somente por amor à cavação...
Pois isto é de vizinho?!"

— Compadre, muitas vezes, a evidência
Não passa de uma simples aparência,

OS BICHOS QUE QUERIAM LEIS

GRANDE revolução
no reino do Leão!
Outros bichos, ferozes descontentes
com a má gerência dos negócios públicos
levados pela voz de alguns repúblicos,
prepararam na sombra unhas e dentes.
De maneira que um dia
rompeu a rebelião.
Eram pragas e gritos: "Morra o Leão!"
"Viva a República e a Democracia!"
"Abaixo a ladroreira e a tirania!"
"Pela felicidade da Nação!"

O Leão, embora ousado,
ficou impressionado.
Convocou os ministros e, bramando
disse-lhes que desejava ouvir os bichos;
não que fosse atender a viços caprichos,
mas, se estivessem com razão, gritando.

Fez-se trégua um momento
e veio o entendimento.

(CONTINUA NA 6ª PAGINA)

DE ADALBERTO MARROQUIM

(CONTINUAÇÃO DA 5ª PAGINA)

— "Senhores, diz o Leão sobrecechoso, que desejas? Dize-me o que quereis? Já não sou o mais digno dos reis? Outro haverá mais forte e justo?"

O Lobo, mau parente, voltou incontinenti:

— "Nós, os bichos, queremos, Majestade, cansados de mentira e de opressão, queremos ter uma legislação que nos garanta os bens e a liberdade!"

— "Mas, vós tendes razão," retrucou o Leão.

E a aspiração mais justa que conheço, tanto que eu mesmo já pensava nisso e encarregara o bacharel Ouriço de acabar o projeto em bom começo."

Entre uivos de alegria, saiu a bicharia

convencida e orgulhosa da vitória. E enquanto a bicharia grita e dança, El-rei pensa e ruma uma vingança que certamente há-de passar à História!

Matutou, matutou... E por fim, decretou,

que se fizesse o Código Bestil e nele se tornasse valiosa toda a Legislação Maravilhosa da República Nova do Brasil! (1931)

JUSTIÇA DE CHACAL

TINHA de ser assim, estava escrito que, mais cedo ou mais tarde, cairia o Leão.

O chefe da vetusta monarquia, não dando, embora, parte de covarde, foi deposto, foi preso e, enfim, proscrito pela Demagogia, pela Revolução!

O macaco, aclamado Presidente e chefe do Governo Provisório, imediatamente

caiu de rijo sobre o adversário! E quando, acaso, a vítima estriava, provando a sem razão do ato arbitrário, porque não tinham culpa no cartório, o Macaco explicava:

— "É do programa revolucionário!"

Tudo cansa afinal!

E o Macaco reuniu o Ministério a fim de organizar um Tribunal que, com certo elastério, aplicasse aos culpados, fossem eles ministros, senadores, funcionários, serventes, magistrados, uma sanção penal.

Farejando carniça, propôs logo o Chacal:

— "Entre os paredros da Revolução, três bichos eu veria capazes de compôr o Tribunal, já pela experiência, já pela compostura e pela fé: A Hiena, grão ministro da Justiça, e o Lobo, da Instrução; Quanto ao terceiro... eles dirão quem é." E os dois, com pôse calculada e fria, — "Mas, só Vossa Excelência!"

Porém dum canto obscuro da assembléa ouviu-se um forte e prolongado zurro:

— "Discordo, disse o Burro, de tão mesquinha e extravagante idéia! Pensei bem no que digo: Confiar o julgamento do inimigo a juizes facciosos e suspeitos, que não de negar-lhe todos os direitos, é atroz iniquidade que só lembra à soléncia dos estultos, ao gênio insaciável da maldade! E que resultaria dessa asneira? E que diriam de nós os povos cultos?... Que fazemos justiça... brasileira!..."

(1931).

O MACACO DE DARWIN

NUM baile chique da aristocrac¹ — Imagem do caráter brasileiro, — Por capricho ou, talvez, por zombaria,

(Quem sabe lá por que razão?) havia Um macaco servindo de copeiro.

O orangotango olhava aquilo tudo: Moços, moças — decotes e casacas... E entre tanta alegria, ele, contudo, Ele — a surpresa, o "clou", a alma da festa — Tinha funda saudade das macacas Que deixara no seio da floresta.

Lá pelo menos não havia o tango... A moda, por exemplo, era... outra cousa, Nem nunca uma macaca orangotango Quis imitar o "passo da raposa".

E depois... o "shimmy", o abraço, a cola, Os cochichos por trás do reposteiro, E coisa tais que o pobre do copeiro, O pobre mono quase perde a bola!

— "Pois é mesmo possível que essa gente... (Pensava o simio lá consigo) Sim! Pois é possível que essa gente fútil, Fazendo tanta cousa feia e inútil, Continue a pensar sinceramente Que descende de mim?!"

A REVOLTA DAS VACAS

VARIAS Vacas feministas, já descrentes das conquistas de uma sonhada igualdade perante ilustre assembléa, com rara loquacidade, fizeram vingar a idéia de dirigir ao Leão a seguinte petição:

"Majestade!

Nós abaixo-assinadas, revoltadas com a prepotência do Touro e a posição de capacho que nos traz tanto desdouro; desiludidas, cansadas, não podendo suportar semelhante humilhação, e mais, querendo provar que não nos causa pesar a sua separação; rogamos da Vossa Graça que nos preste grande auxílio, decretando, a bem da raça, o nosso perpétuo exílio. Quanto ao Touro, que se enforque, ou se corrija de vez, pois temos razões bem grandes para, *mutatis mutandis*, fazermos como já fez o tal Prefeito de Cork".

Aqui vinham, sem rasuras, cento e vinte assinaturas.

Leão riu do pedido mas despachou: "Deferido". E, quatro dias depois, As tais vacas revoltadas foram todas enviadas para uma ilhota sem bois. Passados, porém, seis meses ve Sua Majestade uma invencível vontade de saber novas das rezes. — Como estariam vivendo aquelas pobres coitadas, sozinhas, abandonadas, na solidão de uma ilhota? (Ia consigo dizendo o Leão) — Que gente idiota!

E fez o que pretendia, mandando à ilha um espia, no submarino 11-S, com ordem de, em lá chegando, ir logo radiografando a novidade que houvesse.

Muito cedo, no outro dia, o Monarca ainda na cama, com surpresa recebia, o seguinte telegrama: "Centovinte desterradas ao tentarem travessia, todas elas afogadas".

OS BURROS POLITICOS

(TRILUSSA)

UM BURRO monarquista italiano disse a um asno francês: — "Feliz de ti, pois és republicano, porque eu, como bem vês, eu devo estar às ordens de um patrão que me suga a energia e me carrega o costado com balas de canhão. Já não suporto mais tamanha esfrega; o péso é muito forte em proporção dos retraços de feno que mastigo. Muitas vezes me queixo e me maldigo, mas, ao patrão pouco importa, e então a Marcha Real enquanto me esbordoa!... — "Todo o mundo é igual, (disse a besta francesa), também o meu procedo tal e qual, mas, em vez de tocar a Marcha Real então a Marselhesa.

A CORTE DO LEÃO

(TRILUSSA)

O LEÃO — Rei da floresta -- À Leão disse um dia: — Como é que tu, que és honesta Na corte consentes esta Vaca? Bela companhia!

— Bem sei que me faz desdouro, (Disse-lhe então a rainha) Mas a culpa não é minha: A Vaca é mulher do Touro E o Touro, deves saber, É esteio do teu Partido. Suporto, pois a mulher Por deferência ao marido.

Mas se soubesses que azar Nos traz semelhante par!... — Tens razão, compreendo tudo — E o Leão, no mesmo dia, Por uma lei, proibia A entrada na sua corte De todo animal chifrado.

Assim, pois, para estar certo De ter uma corte honesta, O mais potente, o mais forte, O grande Rei da Floresta Tornou-se Rei... do Deserto!

O LEÃO PSICOLOGO

O LEÃO, apaixonado, pedira certa moça em casamento! Imagine-se o desapontamento Daquela pobre gente! O pai, coitado,

passou noites e noites em vigília! Chorava a moça e toda a parentela; e para resolver-se a entaladela reuniu-se o Conselho de Família.

Um tio, bacharel, mestre em chicana, achou a solução, e, em nome da família, a El-rei Leão desenvolveu este hábil arnelz:

— "Majestade, sentimo-nos honrados, "Eu, meu mano, os parentes e a sobrinha, "Nunca, em nossos cuidados, passou ter na família uma rainha;

"Mas já que aprouve a V. Majestade "dar-nos a preferência assaz honrosa, "devo falar-lhe com sinceridade: "Minha sobrinha é tímida e nervosa.

"De modo, Majestade, que a menina "e nós, os seus parentes, "suplicamos da Graça Leonina "privar-se desde já, de unhas e dentes."

O Leão, que ouvira o velho calmamente, Entendera a perfídia da proposta Deu-lhe displicentemente Esta resposta:

(CONTINUA NA 15ª PAGINA)

SÍMBOLO DE QUALIDADE

EM TODO O BRASIL



Grandes edifícios, pontes,
estradas de rodagem, casas residenciais,
núcleos fabris, etc.
espalhados por todo o Brasil,
confirmam a qualidade impar do **CIMENTO PORTLAND POTY**
preferido com vantagem pelos construtores em geral.
O **CIMENTO PORTLAND POTY** está
presente em toda construção, imponente ou modesta,
com a sua resistência e durabilidade comprovadas
e que lhe asseguram
o "slogan" consagrado pela preferência popular:
- "o melhor".

CIMENTO PORTLAND POTY

EM PRODUÇÃO SEMPRE ASCENDENTE PARA ATENDER UMA ASCENDENTE PREFERÊNCIA

Procure o revendedor mais próximo que sempre tem em stock Cimento POTY

SERÁ EM PERNAMBUCO A SEGUNDA CONVENÇÃO DE TÉCNICOS DO SESC

Durante a reunião do Conselho Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC), que se realizou no Rio, o mês passado, a representação de Pernambuco conseguiu transformar em vitória uma velha aspiração da atual presidência da Federação do Comércio Atacadista e do SESC regionais, cujas sedes são em nosso Estado.

Com efeito, já há algum tempo, o presidente daquelas entidades, sr. Rui do Régio Pires, desejava que uma das reuniões do Conselho Nacional da Confederação Nacional do Comércio e a Segunda Convenção Nacional de Técnicos do SESC fossem realizadas em Pernambuco. Com isto, naturalmente, tinha-se em vista não somente trazer ao nosso Estado delegações de comerciantes de todas as unidades da Federação, mas, principalmente, propiciar aos técnicos pernambucanos em assistência social aos comerciantes um contacto mais directo com técnicos e estudiosos do assunto das diversas regiões do país.

A fim de ser conseguida a aprovação para essa pretensão dos pernambucanos, que se encontram à testa dos serviços sociais do comércio em nosso Estado, certos obstáculos tiveram que ser vencidos. Isto porque, ao que parecia, já existiam determinações anteriores, que escolhiam a capital da República como sede para a realização da Segunda Convenção de Técnicos do SESC. No entanto, a delegação pernambucana, que recebeu instruções do sr. Rui do Régio Pires, chefiada pelo sr. Murilo Costa Régio, depois de estabelecer contacto com os líderes das bancadas dos outros Estados, conseguiu que o Conselho Nacional aprovasse, por unanimidade, uma proposição, determinando que a próxima reunião do Conselho Nacional da Confederação Nacional do Comércio e a segunda Convenção de Técnicos do SESC fossem realizadas em Pernambuco, por ocasião da inauguração da Colônia de Férias de Garanhuns, em setembro deste ano.

ORIGEM DAS CONVENÇÕES

Tendo em vista os objetivos

Vitória da delegação pernambucana na reunião do Conselho Nacional, o mês passado — Origem das Convenções de Técnicos do Serviço Social do Comércio — Os snrs. Rui do Régio Pires e Murilo Costa Régio propõem transformações radicais nas atividades do SESC — Estudos — Outras notas



Visão da Colônia de Férias que o SESC está construindo em Garanhuns

do SESC, o Conselho Nacional julgou necessária a realização de convenções nacionais, periodicamente. Considerou-se que, apesar da autonomia regional de cada Conselho, o SESC não poderia, por outro lado, perder o seu caráter nacional. Daí julgar-se indispensável o estudo e análise coletivos das experiências em todo o Brasil, resultantes dos trabalhos de assistência aos comerciantes e às suas famílias. Nada melhor para avaliar esses estudos e análises — considerou-se — do que uma Convenção Nacional de Técnicos. Com isso tinha-se em vista, principalmente, ser estabelecida uma conveniente delimitação do campo de ação e do programa futuros do SESC. Exatamente com esse propósito foi que, no mês de novembro de 1951, se realizou em Bertoga (Estado de São

Paulo), a Primeira Convenção Nacional de Técnicos do SESC.

Durante a Convenção, foi debatido e analisado o seguinte programa geral: a) programa geral de ação do SESC; b) problemas específicos do campo de ação do SESC; c) formação pessoal; e d) problemas administrativos e contábeis.

Da discussão dessas questões resultou uma série de indicações práticas e de proposições que muito contribuíram para o melhoramento de todo o serviço do SESC.

A SEGUNDA CONVENÇÃO

Já a segunda Convenção Nacional, apesar de ainda não ter temário elaborado, terá um significado muito mais profundo para os trabalhos futuros do SESC, posto que,

além da experiência da Convenção passada, se conta com um acervo de experiências muito maior em relação à primeira convenção, que foi realizada em 1951 — há 3 anos, portanto. Disso decorre, naturalmente, uma enorme responsabilidade da administração regional, em Pernambuco, que não somente tem a responsabilidade de organizar os serviços de secretaria da Convenção, divulgação, etc., mas, também, o dever de contribuir decisivamente para os debates e, por outro lado, em poder dar, através de seus núcleos de bairros, jornais, clubes, maternidades, etc., demonstrações práticas dos aspectos positivos e negativos dos serviços de assistência ao comerciante e à sua família. Isto sem se falar na hospitalidade natural que deve ser oferecida a todos os visitantes.

Exatamente com esse propósito é que já vem trabalhando a administração local da Federação do Comércio Atacadista e do SESC. O sr. Rui do Régio Pires, presidente de ambas organizações, iniciou a execução de uma série de providências, buscando efetuar uma melhor adequação das atividades e finalidades do SESC, procurando, dessa maneira, satisfazer o melhor possível as necessidades dos comerciantes.

Sem embargo, atualmente estão sendo feitos estudos sérios a respeito das atividades do SESC, em Pernambuco, sob a direção do sr. Murilo Costa Régio — a quem o presidente confiou o cargo de diretor do Serviço Social do Comércio, em nosso Estado. Nesses estudos, a preocupação dominante tem sido o bem-estar social dos comerciantes e de

suas famílias e o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade. Esta, sem sombra de dúvida, está sendo a constante de toda a nova orientação do SESC. Todavia, não estão sendo desprezados outros aspectos, que talvez pudessem ser chamados de secundários. Assim é que se procura, por exemplo, analisar com profundidade todas as atividades do SESC, desde as atividades de assistência até as de recreio, tentando-se, logo, a correção do lado imperfeito, o combate ao desvirtuamento dos seus objetivos e, ao mesmo tempo, luta-se para imprimir uma orientação nova, revigorando-se uma orientação sadia e dinâmica das atividades dos diversos núcleos locais e dos serviços de assistência em geral. Nesse sentido já foram tomadas providências a respeito do pagamento das taxas de benefício, levando-se em consideração os encargos de família, salários, etc. e, nessa base, elaborando-se uma tabela proporcional.

Aliás, os representantes do Conselho, que integram o Conselho do SESC, consideram que o campo de ação do SESC, atualmente, é vastíssimo, em virtude mesmo das condições gerais de vida de grande parte de nossas populações serem bastante precárias, no que se refere ao seu padrão econômico e social. Por isso mesmo, eles estão profundamente empenhados em fazer com que o SESC cumpra plenamente a sua finalidade, tendo, porém, a preocupação de evitar a criação de uma mentalidade, entre os comerciantes, de paternalismo em relação ao SESC. Essa, incontestavelmente, é uma tarefa difícil e requer uma luta constante e árdua. Isto porque as verbas do SESC não crescem nas mesmas proporções de suas necessidades...

Apesar das dificuldades, os diretores do Serviço Social do Comércio estão otimistas e acreditam que, com esforço, abnegação e espírito de cooperação de seus auxiliares, conseguirão levar a bom termo a tarefa que pesa sobre os seus ombros.

BOLSA OFICIAL DE VALORES DE PERNAMBUCO

INSTITUIDA EM 27-7-1851

INSTALADA EM 28-2-1852

AVENIDA RIO BRANCO, 155 — 1.º ANDAR

CÂMARA SINDICAL
PRESIDENTE — Valdemar Alberto Borges Rodrigues
VICE-PRESIDENTE — Luiz de Oliveira Lobo
TESOUREIRO — Armando de Paula Lopes

COMISSÃO DE CONTABILIDADE
PRESIDENTE — Francisco de Oliveira Santos
SECRETÁRIO — Arlindo de Barros Aguiar
Luiz Gusmão

Os Corretores Oficiais de Pernambuco encarregam-se da compra e venda de Títulos da Dívida Pública e particulares, de mercadorias e imóveis, dando aos negócios pronta e segura liquidação

Por lei, só os Corretores oficiais podem intervir nas transações de Títulos e nas operações a termo de mercadorias

A intervenção dos Corretores Oficiais nos negócios de imóveis assegura aos interessados as maiores garantias, pois as suas responsabilidades estão definidas em lei

Para comprar e vender bem, títulos, mercadorias e imóveis, procurem os corretores oficiais

DE ADALBERTO MARROQUIM

A ANTÔNIO NOBRE

Anto, meu pobre e desgraçado amigo,
Que dor, que pena triste assim te fez?
Que sentimento fez nascer, contigo,
O mais triste poeta português?

A vinha de esmeralda... O oiro do trigo...
Coimbra... E o Mondego da formosa Inês...
E tu, meu velho, no teu fado antigo,
Só, sempre só, compondo o Só, talvez.

Eras, na tua estranha soledade,
Como a alma do penedo da saudade
Que errasse pelas sombras do choupal...

Passaste, mas, relendo-te as cantigas,
Choram de comoção as raparigas
E os poveirinhos do teu Portugal.

MINHA TERRA

Minha terra! O que eu chamo a minha terra
é uma geira de humilde condição,
pobre de tudo o que a cidade encerra,
mas, milionária de vegetação.

Ali a alma da gente se desterra
para os silêncios da contemplação:
aspira-se o ar puríssimo da serra
e guarda-se mais casto o coração.

Amo, pois, minha terra com ternura,
por tudo o que ela tem; pela candura
do céu, pela aspereza do alcantil.

Amo-a porque é a razão desta saudade.
Amo-a porque, sem nome e sem vaidade,
é também um pedaço do Brasil.

DIANTE DO MAR

Gosto de ver o mar. A onda sonora,
O vasto azul. O trémulo arrepio
Das águas, ora em grande fúria e ora
Num doce e brando marulhar de rio.

Tudo me encanta. Por exemplo, agora
nessa revolta de titã bravio,
O mar dentro em meus nervos colabora,
Ajuda-me a pensar enquanto o espio.



E a onda vai... e a onda vem, outra onda arqueia
o dorso, morre e, logo, outra onda adiante
cresce rugindo e cai lambendo a areia

Mulher, a vaga é a imagem fiel do que és.
Ergues o braço contra o esquivo amante
e, humilhada a chorar, beijas-lhe os pés!



O MAIS NOVO E LUXUOSO HOTEL DE PERNAMBUCO

- * A 3 minutos do Aeroporto Guararapes
- * A 20 minutos do centro comercial do Recife
- * No melhor ponto da praia de Boa Viagem
- * 100 apartamentos DE FRENTE, todos com varanda, banheiro e telefone
- * Ar condicionado (opcional)
- * Restaurante "à la carte"
- * Uma legião de bons servidores às suas ordens...

HOTEL BOA VIAGEM

...e AINDA...

Sorveteria "Coqueiral" — Cafeteria "O Jangadeiro"

Não só para os hóspedes como também para o público pernambucano
Para reserva de apartamentos: End. Telegráfico: "DISLUNA" — Fones:
7867 - 6559 - 7903 — Caixa Postal, 766
Avenida Beira-Mar, 4982 — (Circular de Boa Viagem)

LUTADO, CONQUISTAREMOS O TRATAMENTO QUE MERECEMOS

CID SAMPAIO

Assumindo, com os demais companheiros, a Direção do Centro das Indústrias de Pernambuco, o fazemos conscientes de que se nos incumbe uma tarefa árdua.

O Centro nasceu ao lado da Federação das Indústrias, órgão a quem a lei atribui a função de defender os interesses da classe e representá-la junto aos poderes públicos. Sendo prerrogativas da Federação o desempenho dessas funções, parece-nos que deve o Centro agir onde é exigido um pronunciamento mais amplo, onde a lei tolhe a Federação por ser um órgão representativo, com fins definidos dentro da estrutura do Estado e, em parte, subordinado ao Governo, através do Ministério do Trabalho. Ao Centro, sociedade civil, limitada em sua ação exclusivamente pela lei básica, deve caber, portanto, estudando profundamente os problemas e oferecendo soluções, colaborar com os governos em tudo que pretenderem realizar em benefício do bem público ou combatê-los quando seus programas forem prejudiciais ao país, colocando-se no terreno dos princípios que defender ao lado dos governantes ou a eles se opondo frontalmente.

Dentro da estrutura social em que vivemos, somos responsáveis pelo principal ramo da produção. Temos a direção de um setor econômico essencial à vida do país de cujo funcionamento eficiente e em harmonia com as outras atividades, depende a felicidade e o bem estar do povo. É incompreensível que nos alheemos dos problemas administrativos concernentes à atividade que dirigimos e assistamos indiferentes à posteridade dos verdadeiros interesses da Nação, por inércia dos dirigentes ou que, por omissão, faltemos com o nosso apóio e a nossa colaboração aos que, com elevação de propósitos, procuram acertar, honrando os cargos públicos de que foram investidos.

Os fundamentos filosóficos do regime capitalista em que vivemos hoje, além da liberdade e igualdade política vindas da Revolução Francesa, exigem que seja assegurado a todos que se integram na comunidade social condições de vida comunitárias com a dignidade humana. Para isto, ao poder político, aqueles fundamentos filosóficos incumbem o controle das relações entre os agentes da produção, a fiscalização dos processos de obtenção de lucro, a condenação e punição do lucro líquido e da atividade lucrativa anti-social e a promoção do aumento de rendimento do trabalho, estimulando assim o crescimento de produtividade do homem, da fábrica e da terra, único meio de aumentar a renda e o bem estar do povo. A nós, que lideramos os grupos humanos que se dedicam à produção industrial e que, por contingência dessa liderança, nos situamos mais alto na hierarquia econômica, cabe prover de meios decorrentes de estudos e de observações e apoiar o poder político nesse desempenho de seu mandato no que for construtivo e estimulante do desenvolvimento nacional, bem como na sua ação legislativa ou executiva-coercitiva do lucro ilegal, de especulação e de exploração em seu sentido mais amplo. A nossa situação mais alta na hierarquia econômica nos confere o dever e até o interesse de preservar a justiça, a harmonia e a equidade no regime em que vivemos. Nenhum grupo humano seria capaz de impor aos outros, por tempo indeterminado, um regime ou sistema de vida, quando por consenso de maioria ele fosse menos justo e menos equitativo do que outro sistema. Se orientada nossa interferência no sentido de obter privilégios, ou postergar a justiça social, ela seria indigna. Sendo indigna, seria também contraproducente e suicida, pois conduziria fatalmente, pelo desvirtuamento crescente da ordem em que vivemos, à sua condenação. Os imperativos da dignidade e do interesse nos apontam e indicam o caminho a seguir. Compre-nos, pois, colaboração efetiva e independente com os poderes políticos, utilizando a nossa experiência e conhecimento administrativos para procurar evitar as injustiças sociais, aumentar a eficiência e a renda individual, pugnando por fórmulas de produção mais ricas, cobrar impostos, punir transgressões que se enquadram nos preceitos da organização racional do trabalho e da administração, de modo que o crescimento progressivo da riqueza no país permita assegurar a todos o mínimo de bem estar a que o indivíduo faz jus como ser humano.

Esse enriquecimento progressivo decorrente do aperfeiçoamento do sistema de produção poderia permitir à sociedade em que vivemos, dentro do sistema de distribuição de riqueza que lhe é peculiar, fazer prevalecer, para aqueles a quem a

natureza privou de capacidade física ou intelectual suficiente para assegurar esse mínimo de bem estar a que nos referimos, a fórmula «para cada um segundo as suas necessidades» abandonada antes de ser posta em prática pelos socialistas e comunistas.

A participação da grande massa popular no organismo produtor de um país que enriquece, através de subscrição de ações de sociedades anônimas adquiridas ou obtidas a longo prazo ou por troca de participação em trabalho, constituiria uma ampla e equitativa distribuição de riqueza, mantendo nos organismos produtores as características de alto rendimento e eficiência peculiares à iniciativa privada. Se no Brasil desses últimos anos este sistema já estivesse posto em prática, estamos certo de que em lugar da especulação imobiliária com a venda de milhões de lotes das adjacências do Rio de Janeiro até os campos imprecisos onde será localizada a futura capital da República, ter-se-ia mobilizado a mesma soma em investimentos industriais que teriam alterado profundamente as condições de vida no país.

Como industriais nordestinos se nos impõem obrigações ainda maiores. A diversificação do clima, da topografia, da composição física e química do solo, da precipitação pluviométrica, divide o Brasil em áreas tão diferentes que tornam difíceis quaisquer comparações.

A sobrevivência na luta contra condições hostis força constituições capazes de suprir as deficiências do meio. Ao lado do progresso no Brasil, nós, no nordeste, fomos nos mantendo em lutas árduas com as secas inelutáveis, procurando culturas compatíveis, na zona da Mata, com a acidez desesperada do nosso solo, e, no Agreste e no Sertão, com a exiguidade de tempo da estação úmida. Criamos no princípio deste século um parque industrial respeitável para o Brasil de então e chegamos a alcançar do solo árido do sertão uma produção de algodão que representava mais de 70% da produção brasileira. As condições eram iguais para todos, a luta era livre. Com o decorrer do tempo a interferência do Estado foi se fazendo sentir. O plano de valorização do café, cultura então exclusiva do centro, proporcionou lucros vultosos que foram aplicados no centro sul, a utilizar produtos nacionais mais caros, das regiões mais pobres, passamos. Veio depois a proteção dessa indústria e a industrialização nascente do Brasil, sem possibilidades econômicas de criar com as nossas reservas um parque industrial equivalente ao que se desenvolvia no sul.

A imigração estrangeira passava ao largo apoiando com homens e capitais onde o clima era mais propício. Estreitou-se o controle do Estado e a política econômica e financeira adotada cada dia mais prejudicava a nossa região.

Adveio o controle cambial, exterminando pela impossibilidade de exportação, a produção preponderante de nossa zona árida.

O homem do agreste e do sertão, comprando charque, arroz, feijão, banha, manteiga, enfim quase tudo de que vive pelos preços do nosso mercado interno inflacionado por emissões sucessivas, vendida o seu trabalho expresso em fibras e bagas que cultivava, a preços do mercado internacional, quase invariáveis em relação ao nosso. Enquanto isto a produção exportável do centro sul, o café, protegido por planos sucessivos com o investimento de milhões, elevava o seu preço no mercado interno de 34 vezes em 20 anos. A outra produção do nordeste, o açúcar, que constitui por contingência do clima e do solo a única produção possível na zona da mata, teve o seu preço controlado e mantido compulsoriamente durante 20 anos em desequilíbrio com o preço de tudo o mais que se fabricava no Brasil.

De 1933 a 1942, quando todos os preços se elevavam de 100%, no mercado brasileiro, o açúcar mantinha o seu preço no mercado interno de 34 vezes em 20 anos. A outra produção do nordeste, o açúcar, que constitui por contingência do clima e do solo a única produção possível na zona da mata, teve o seu preço controlado e mantido compulsoriamente durante 20 anos em desequilíbrio com o preço de tudo o mais que se fabricava no Brasil.

De 1933 a 1942, quando todos os preços se elevavam de 100%, no mercado brasileiro, o açúcar mantinha o seu preço no mercado interno de 34 vezes em 20 anos. A outra produção do nordeste, o açúcar, que constitui por contingência do clima e do solo a única produção possível na zona da mata, teve o seu preço controlado e mantido compulsoriamente durante 20 anos em desequilíbrio com o preço de tudo o mais que se fabricava no Brasil.

e, em última análise, sofrem na pele ou no estômago o desequilíbrio da economia do nordeste, só encontram um caminho: o da migração, e migram quando a miséria já lhes roubou todas as reservas e exaustos, só podem transportar como o gado para os açougues, com toda a família na promiscuidade abjeta e degradada dos «pau de araras». Ainda assim são os mais aptos, os que têm uma reserva de esperança, de energia e de saúde que se vão, completando nesta seleção inverso que determinam para a região, a obra de devastação com que a política econômica e financeira do país vem aniquilando o nordeste. Quando as atenções dos poderes públicos se voltam para o norte com a preocupação de estímulo ao seu desenvolvimento, as medidas tomadas não são equitativas e o tratamento ainda é de exceção. O plano de aproveitamento de Paulo Afonso é um exemplo. Enquanto nos orçamentos de 1945 até 1953 dotações orçamentárias sem retorno foram atribuídas para Rio Grande do Sul, para Minas, para o Estado do Rio, os investimentos para Paulo Afonso que vão servir aos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Bahia, são feitos como aplicação de Capital, rendendo ao Governo juros de 10% ao ano. Ainda mais, exige-se isto quando, sendo aplicada quase a totalidade do capital necessário a toda a instalação, está a companhia fornecendo 1/3 da energia que tem capacidade de fornecer. As tarifas fixadas pela Hidro-elétrica para os revededores resultarão um preço para estas muito superior ao que pagam os consumidores do Rio de Janeiro e São Paulo. (anexo)

Como pensar em recuperação do nordeste se o preço do açúcar continua em disparidade com tudo o que se produz no Brasil! Como pensar em recuperação do nordeste se a energia que se nos vai fornecer como elemento de redenção é cerca de 3 vezes mais cara do que a fornecida às indústrias no Estado do Rio, na Capital Federal e em São Paulo, que concorrem conosco no mercado interno do país.

Construam-se refinarias de petróleo em São Paulo, na Capital Federal e na Bahia e o nordeste fica esquecido. Só existe uma maneira: lutando, conquistarmos o tratamento que nos é devido em nosso país. Temos de levantar a bandeira da descapitalização de Paulo Afonso e empregarmos todo o nosso esforço para conseguí-lo. Temos de acompanhar ou levar conosco o governo do nosso Estado em nossa luta. Temos de conquistar uma refinaria de Petróleo para o nosso Estado, situado no centro de gravidade do Nordeste e ligado por estradas de ferro e de rodagem a toda a região e servido por pósto de mar magnificamente situado.

Devemos estimular a nossa representação nas Câmaras, não medindo sacrifícios nem fixando limites até onde chegaremos para obter equidade. Antes das fórmulas gerais que permitam estabelecer normas para distribuição de riquezas, precisamos criá-las no Nordeste e só o conseguiremos se formos bastante fortes para mudar a orientação de certos setores da economia nacional.

Só organização, predisposição para a luta e persistência farão com que possamos trazer para a nossa região o que de justiça nos pertence, evitando que o

progresso acelerado das regiões centro e sul descompensem cada vez mais o equilíbrio econômico no Brasil, agravando a migração e deslocando não só o homem, mas também o pouco capital acumulado pelas atividades comerciais e de especulação imobiliária no nordeste.

Infelizmente para Pernambuco os problemas econômicos da indústria do açúcar e os outros ligados à questão cambial, parecem sempre aos governos problemas do grande capital, que deviam ser solucionados pelos «magnatas» cuja aproximação daninha estimulava os espíritos do mal para o sucesso político. No entanto os chefes de empresa são os últimos a sofrer o desequilíbrio da economia de uma região. Em decorrência do desajustamento do preço do açúcar das outras utilidades e do trabalhador das fábricas e do campo em nosso Estado durante estes últimos 20 anos sofreram menos no seu salário sempre menores que as elevações do custo de vida, reduzindo cada ano que passava o seu poder aquisitivo, baixando cada ano o seu nível de vida. Mesmo nas indústrias prósperas, naquelas que durante a guerra por contingências especiais tiveram lucros vultuosos, os salários não se elevaram porque a indústria do açúcar, o maior mercado de trabalho no Estado, não podendo pagar além do que o preço do produto permitia, como atividade preponderante, automaticamente determinava o preço da mão de obra da região.

A isto ficaram os governos indiferentes e na Câmara dos Deputados, rios os representantes que clamaram contra a taxa de câmbio fictícia e o baixo preço do açúcar que aniquilavam não os usineiros mas as fábricas, a terra e o homem. Todo o patrimônio de uma região.

A liderança intelectual e econômica do Nordeste, o lugar de Pernambuco de 3.º Estado da Federação, a liderança econômica do açúcar, tudo isto emigrou para o centro e para o sul, tângido pela mesma contingência econômica que a do «pau de araras», debaixo da indiferença dos governos, cada vez mais afastados das classes produtoras, mais reciosos de enfrentar problemas econômicos que, interessando a toda uma coletividade, por serem tratados pelos dirigentes, pelos líderes da indústria, parecem a eles problemas dos ricos.

Só organização, tenacidade e espírito de luta, repito, permitirão que conquistemos o nosso lugar na Federação. A nós industriais, líderes de uma atividade básica no país, cabe uma parcela de responsabilidade nesta conquista.

Eleitos para o Centro das Indústrias praticamente no início das suas atividades, devemos aos nossos colegas gratidão por essa prova de confiança e procuraremos não desmerecê-la.

Devemos vencer um período de aparente improdutividade, enquanto forem mobilizados dados estatísticos e constituída equipe de técnicos capazes de encontrar solução para os nossos problemas.

Comprometemo-nos, porém, a não fazer do Centro um órgão inativo e permanecer no cargo somente enquanto sentirmos a utilidade do nosso trabalho e que a tarefa não é excessiva para as nossas possibilidades.

(*) Discurso pronunciado na cerimônia de posse na Presidência do Centro das Indústrias de Pernambuco.

As mais lindas padronagens em linho, algodão, seda e nylons, V. S. encontrará nos dois

ARMAZÉNS LIVRAMENTO

Rua Duque de Caxias, 383

Rua do Livramento, 65 — RECIFE

Visite-os Sem Compromissos



Fachada da Biblioteca Popular de Afogados, um belo projeto de autoria do arquiteto Fernando Menezes, do Escritório Técnico da Prefeitura do Recife.

REALIZAÇÕES MUNICIPAIS NO RECIFE

Trabalha A Prefeitura Em Benefício Da Capital Pernambucana



Auxílio da Prefeitura ao Hospital de Clínicas — O prefeito Djair Brindeiro sancionou a lei que concede o auxílio de 500.000,00 (Quinhentos mil cruzeiros) ao Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas. O clichê acima fixa um aspecto da solenidade, quando o dr. Valdemir Miranda agradece a preciosa ajuda do edil recifense. Ao lado do prefeito vêm-se ainda os drs. Antônio Figueira, Albino Gonçalves Fernandes, diretor do D. B. E. P., Teodorico de Freitas e o sr. Ivan Seixas, chefe do Serviço de Comunicações da Prefeitura.

O Departamento de Engenharia e Obras muito tem contribuído para o desenvolvimento da cidade.

Sem falar nos serviços rotineiros, como conservação e reparos das principais artérias do Recife, o DEO vem realizando um vasto plano de melhoramentos, os quais não se limitam ao centro da cidade nem apenas às

ruas principais, mas, estende-se a todos os bairros e subúrbios, beneficiando aos morros e córregos distantes.

Dentre os serviços em franco andamento, destaca-se em primeiro plano o alargamento da rua Conde da Boa Vista, continuando em ritmo crescente as desapropriações e pagamento das indenizações.

Ainda em obediência ao atual programa do prefeito Djair Brindeiro, o DEO está empenhado ativamente na localização dos ambulantes fixos do Recife, tendo realizado, como medida preliminar, o censo dos vendedores, esperando dentro em breve resolver o difícil problema, sem contudo causar prejuízo à numerosa classe.



Prosseguem os estudos para a instalação da primeira linha de "omnibus" elétricos no Recife. O clichê fixa um aspecto da abertura das concorrências para a instalação da rede aérea e subestação para fornecimento dos fios trolley dos "omnibus", vendo-se o engenheiro João Borba de Carvalho, presidente da Comissão e representantes das diversas firmas interessadas na exploração do serviço de "omnibus" elétricos do Recife.

As mais lindas padronagens em linho, algodão, sêda e nylons, V. S. encontrará nos dois

ARMAZÉNS LIVRAMENTO

Rua Duque de Caxias, 383

Rua do Livramento, 65 — RECIFE

**VISITE-OS SEM
COMPROMISSOS**

Foi empossada, no dia 10 de Fevereiro

A NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Foi empossada no dia dez deste mês, nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco. Ao ato — que foi uma cerimônia simples — compareceram apenas os novos dirigentes daquela associação de classe.

Depois de lida a ata da assembleia geral ordinária, que elegeu os novos diretores, o sr. Oscar Amorim, presidente, pronunciou breves palavras de agradecimento a todos que têm colaborado com a Associação, ressaltando a atuação do secretário anterior, sr. Antônio Galvão, cujos esforços têm posto a entidade em posição de relevo e sempre na vanguarda da luta em defesa dos interesses do comércio.

— O sr. Antônio Galvão — disse — tem sido um batalhador infatigável pelo engrandecimento da nossa organização, em defesa dos interesses das classes do comércio; sempre que apareceu alguma reivindicação, alguma injustiça a combater, encontramos em primeira linha o nosso ex-secretário.

Logo em seguida, o sr. Oscar Amorim empossou a nova diretoria, que deverá liderar as classes do comércio até 1957.

MAIOR UNIÃO DAS CLASSES

Antes de ser encerrada a reunião, o sr. Antônio Galvão tomou a palavra, para agradecer as referências feitas, pelo presidente, à sua pessoa. Disse que cumpriu com o seu dever, apenas. Se, por acaso, se sobressaiu, deve-se, antes de tudo ao cargo que ocupava.

— E' verdade que sempre procurei me esforçar

O sr. Oscar Amorim, presidente, em discurso de improviso agradece a colaboração de todos — Maior união das classes do comércio — O novo secretário conduzirá a Secretaria com acerto e dinamismo — Notas

para conseguir o máximo. Todavia, o próprio cargo obrigava-me a isso, posto que é a Secretaria da Associação que mais deve se preocupar com os problemas, que se nos apresentam; é a Secretaria que deve estudá-los em primeira mão, coordená-los e encaminhá-los à diretoria, para debate, etc.

Finalizou agradecendo a colaboração que havia recebido dos seus companheiros de diretoria e dizendo acreditar que o novo secretário, sr. Luiz Rio, conduzirá a Secretaria da Associação com acerto e dinamismo, posto que já se tem destacado nas lutas empreendidas e dispõe, por outro lado, de uma alta experiência e uma grande capacidade de trabalho.

— Estou certo — observou — que o novo secretário me substituirá com vantagens. E' necessário, no entanto, que as classes do comércio compreendam a época em que estamos vivendo e unam-se cada vez mais em torno dos seus órgãos de classe, particularmente em torno da Associação, cuja tradição de luta e de combatividade credencia como uma fiel intérprete dos interesses do comércio. Pois, hoje não há mais lugar para o individualismo — desde que os problemas não afetem apenas esse ou aquele, individualmente, mas a to-

dos, indistintamente e, até mesmo, a toda a coletividade.

Terminada a cerimônia, os diretores da Associação se dirigiram, incorporados, para o Palácio do Governo, a fim de cumprimentar o general Cordeiro de Farias, conforme é tradição daquela casa.

A NOVA DIRETORIA

A nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco está composta pelos seguintes nomes:

Presidente: Oscar Amorim

1.º Vice-Presidente: Dr. Antônio Galvão

2.º Vice-Presidente: José Lôbo

1.º Secretário: Luiz Rio

2.º Secretário: Domingos Romeira de Sá Ferreira

1.º Tesoureiro: Fernando Flúza Pequeno

2.º Tesoureiro: Antônio Campozana

Diretores

Francisco Véra
J. Rufilo de Oliveira
Beraldo Melo
Divico Scheidegger
José Paulo Alimonda
Murilo Martins
Joaquim M. Coelho
Mário Tôrres de Melo
Elísio Gomes
Jarbas Martins
Carlos Lopes
Djalmo Peixoto



No alto vê-se o presidente da Associação Comercial, sr. Oscar Amorim lendo o relatório sobre as atividades daquela entidade. Em baixo, o tesoureiro quando lida o relatório de sua pasta.

Guilherme Cunha Rêgo
Joaquim Alves Afonso

Comissão Arbitral

Artur Lundgren
Luiz Dias Lins
John William Ayres
Manuel de Brito
Antônio Pereira

Suplentes dos Diretores

Bartholomeu Nery da Fonseca
Sigismundo Rocha
Ivan Rocha
João Pedrosa da Fonseca
René de Pontes
Armindo Fontana
Raymundo Moura Filho
Allain Querette

Eugênio Siqueira de Oliveira Melo
Ernesto Odenheimer
Gabriel Figueiredo
Gustavo Ramiro Costa
Luiz Lira de Melo Gusmão,
Luiz de Faria Barbosa

Comissão Fiscal

Com. Jayme Ferreira dos Santos
Arnaldo Almeida
Aníbal Cardoso

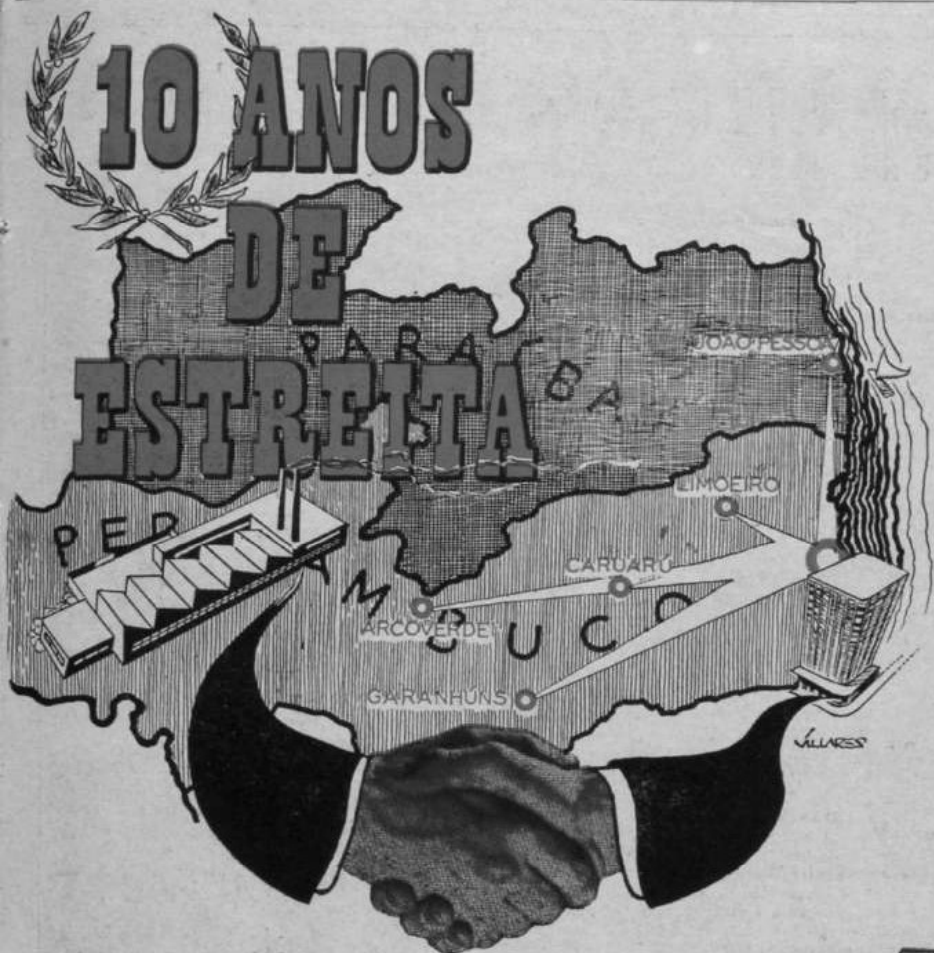
Suplentes

Severino Maia Filho
Ruy do Rêgo Pires
José Soares de Avelar.



As eleições para a nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco foram bastante concorridas.

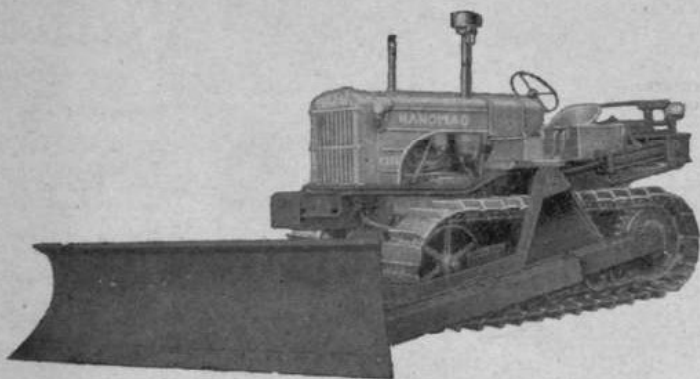
EM JUNHO
NAS LIVRARIAS
"CONTOS"
de KILMA VALENÇA
Edições NORDESTE



COLABORAÇÃO!

BANCO NACIONAL DE PERNAMBUCO

HANOMAG



Qualquer pessoa sem conhecimentos técnicos aprende facilmente a trabalhar com os tratores

HANOMAG

Atualmente a SOCIEDADE DE FERRAGENS E MÁQUINAS S. A. (SOFERMASA), mantém um departamento técnico especializado e um Carro-Oficina (único no Norte de Brasil) ao vosso dispor com toda prontidão.

OS TRATORES HANOMAG trabalham em 70 países ajudando o progresso da agricultura e da indústria em todo o mundo

Mantemos completo estoque de peças e existem mais de 250 TRATORES HANOMAG em serviço em Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Os TRATORES DIESEL HANOMAG são fabricados nos modelos de rodas e esteiras, de 12 a 90 cavalos de força.

Existem TRATORES HANOMAG trabalhando há 30 ANOS!

DE ADALBERTO MARROQUIM

O Leão Psicólogo

(CONTINUAÇÃO DA 6.ª PAGINA)

— "Não, meu caro Senhor, queira-me ouvir.
"Por toleirão não há quem me condene.
"Você há-de convir
"Que eu não sou o Leão de La Fontaine.

"A moça não me quer? Muito deploro;
"Pela recusa nada sofrerá,
"Apenas, por salvar o real decóro, .
"Ela com outro não se casará."

O velho ajoelhou-se comovido
A magnanimidade do Leão;
Para ele, que se cria já perdido
Fôra um milagre aquela solução.

Depois ambos a sós, o Tigre disse:
— Peço perdão a Vossa Majestade,
"Mas perdoar tal afronta é uma tolice
"Sem precedentes na animalidade.

"Se nós os bichos fomos tiranos:
"Ferozes, brutos e irracionais!...
"Tal fato aumentaria entre os homens
"O número dos crimes passionais.
"Haja vista os magnatas brasileiros
"Quando chegam a chefes da nação:
"Não se lhes dá de gritos e berreiros,

E só fechar questão!
"Porque este fato, deixe que o avise,
De pasto vai ouvir ao mundo inteiro
"E temo que o ridículo o batize
"De D. Pedro I!

"Negar a mão a Vossa Majestade
É o cúmulo do abuso e da insolência!
E o rei das selvas com serenidade
Feita de experiência,

Retrucou: "Caro amigo, ouça e consinta
"Que eu lhe aclare o fechado entendimento
"Ela virá pedir-me em casamento
"Quando passar dos trinta!"

DISTRIBUIDORES
SOCIEDADE DE FERRAGENS E MÁQUINAS S. A.

SOFERMASA

Avenida Marquês de Olinda, 214 — Fones 9374 — 9591 — 9396
Telegrama "SOFERMASA" Caixa Postal 23
RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

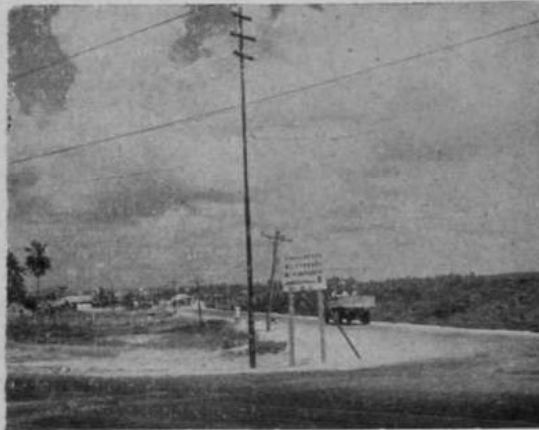


ESTRADAS - ARTERIAS DO PROGRESSO

ESTRADAS! Estradas!
São fitas compridas,
que vão deslizando,
subindo dos montes,
descendo as campinas,
por vales, por serras,
levando o progresso.



PARECEM serpentes,
que vão se enroscando,
depois se estirando,
por longos caminhos
de verde e amarelo
— as côres da Pátria —,
ao sol se aquecendo
nos dias mais quentes
e, em noites de lua,
litando as estrêlas,
ou mesmo, nas quadras
de frio e de chuva,
banhando os seus cascos
da côr do urucum;
correndo... correndo...
sem nunca parar...
P'ra frente! P'ra frente!
Levando a ventura,
levando embaixadas
de gentes estranhas,
que ficam nas margens,
cavando, explorando,
lutando com as feras,
e catequizando
os índios dolentes,
os donos das selvas
frondosas e ricas



de flôres exóticas
e suaves perfumes,
de doces mistérios,
feitiços da terra
que clama, que implora,
em doudo estertor,
o sêlo genético
do braço violento
do homem robusto!
— Fecundo contacto
com a virgem floresta ...



ESTRADAS! Estradas!
São fitas de prata,
ofertas benditas,
levando p'ra dentro
da Pátria sagrada
mais luz, mais confôrto,
trabalho e esperança!



Ó Vós, pioneiros
de tantas estradas,
que acordam os sertões
e animam o caboclo!
Porfiai vossos passos
em novas aladas!
Abri novos veios!
em mais escaladas!
Mais sendas! Mais fitas!
Ofertas benditas,
que a Pátria enaltece,
que a Pátria sagrada,
solene, agradece!

YOLE MANON

Finda a Administração Etelvino Lins mister se faz salientar o vigoroso impulso que a mesma deu ao progresso do Estado cumprindo de maneira brilhante o Plano de Pavimentação de nossas rodovias, através da atuação dos dois dinâmicos Secretários da Viação: Armando Monteiro Filho e Hélio Loreto. Plano que está tendo, aliás, sua continuação firmemente assegurada no govêrno Cordeiro de Farias, conforme se depreende de reitarados e incisivos pronunciamentos públicos do atual Secretário de Viação, dr. Lael Sampaio.

Damos em cima um aspecto da pavimentação da Estrada de S. Benedito, vendo-se, também, o novo revestimento da estrada Recife-Olinda, em concreto asfáltico. Em baixo, um trêcho da estrada Tronco-Central

COM PERSEVERANÇA E CORAGEM

Está Sendo Solucionado No Recife O Problema Do Abastecimento De Peixe

Plano bem delineado pela Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco para acabar com o "câmbio-negro" do pescado — Postos de Venda — Base de Pesca — Declarações do dr. José Corrêa, presidente da entidade

dos, Água Fria, Boa Vista, Colônia Z-1, no Pina, Frigorífico Terra, também no Pina, em Olinda, em Paulista, no Frigorífico da Caixa de Crédito da Pesca (Ponte Giratória), no depósito da própria Federação (defronte da Estação Rodoviária), e outros mais.

Esses postos de venda foram todos equipados de geladeiras próprias para a conservação de pescado, para tal especialmente fabricadas, com 170 grau abaixo de zero, e que se encontravam no almoxarifado do Ministério da Agricultura sem nenhuma utilidade, todas precisando de revisão e consertos. Vieram para cá por arrendamento, graças ao interesse demonstrado pe-



Lançamento da pedra fundamental da Base de Pesca do Recife

de Pescadores de Pernambuco, dr. José Corrêa, construir uma base de pesca no Recife, já localizado o terreno no areal novo do Pina. Negociações neste sentido já foram iniciadas com firmas do sul, para fornecimento de um grande frigorífico, de modo a tornar possível a dispensa do Frigorífico das Docas, cedido à Federação pela Secretaria da Agricultura, num gesto de alta compreensão de seu titular.

Por outro lado, será organizada no Recife uma frota de barcos pesqueiros. O "Saldanha da Gama", já pertencente à Federação das Colônias de Pescadores está sendo to-

talmente reparado na Base Naval do 3.º Distrito da Marinha, incluindo-se, nesses serviços, a instalação de modernos aparelhos de pesca, vendidos pelo Ministério da Agricultura, mediante autorização especial do ministro Costa Pôrto.

UM COMANDANTE

Para dirigir essa frota foi contratado um dos bens técnicos em pesca no Brasil, o comandante William Kitts, que dirigirá e orientará a pesca nos barcos pesqueiros. Esse lobo-d'oumar já deu demonstrações convincentes de sua capacidade profissional e de conhecimento da região

pesqueira do nordeste, quando esteve ao comando do barco "Estrêla de Prata" e de o "Condor", que abasteceram a cidade no ano passado e no começo do corrente ano.

Brevemente disporá a Federação das Colônias de Pescadores de dois pequenos barcos pesqueiros para pescarias nas praias e litoral, devendo, também, o Ministério da Agricultura entregar a Pernambuco barcos e jangadas de tipo especial para a prática de uma pesca mais racional e por processos mais modernos.

Pelos resultados satisfatórios já colhidos, parece estar dando certo o plano do dr. José Corrêa. A cidade está, de fato, tendo um eficiente abastecimento de pescado. Se isto se concretizar, como realmente espera o presidente da Federação das Colônias de Pescadores, assistiremos à falência do intermediário, único responsável pelos preços elevados do produto e pelos desrespeitos aos tabelamentos da COAP.

DERROTA DO INTERMEDIÁRIO

Havendo sempre, na cidade, pescado em abundância, o intermediário e o "pombeiro não poderão mais impor os seus preços. Por outro lado, quando a posição da Federação das Colônias de Pescadores estiver consolidada, livrar-se-ão dos tentáculos dos atravessadores os pescadores por eles explorados, podendo entregar à Federação, por justo preço, o produto de seu trabalho, recebendo, ainda, ajuda financeira nos momentos de pescarias ruins e financiamento para aquisição de jangadas.

Com essas providências, acredita o dr. José Corrêa que levará pânico aos arcaicos da exploração do pescado, enquanto que a população estará permanentemente abastecida, adquirindo peixe com facilidade, mediante a observância rigorosa dos tabelamentos.

POSTOS DE VENDA

Como a Federação das Colônias de Pescadores pôde enfrentar e vencer



Flagrante da recente inauguração do Posto de Vendas n.º 2, da Colônia Z-1, do Pina

lo ministro Costa Pôrto. A presença de muito peixe para consumo e, depois, os postos de venda, localizados em pontos estratégicos, constituiram-se nas armas decisivas na primeira vitória da "batalha do pescado", levando à derrota os açambarcadores do mercado de peixe no Recife. Se o abastecimento correspondeu durante a Semana Santa, quando sempre registamos o maior consumo de pescado pela população, logicamente corresponderá nos dias subsequentes.

BASE DE PESCA E BARCOS

Na sua gestão, pretende o atual presidente da Federação das Colônias



Pesqueiro "Saldanha da Gama", de propriedade da Federação das Colônias de Pesca

a primeira batalha? Esta é uma pergunta feita insistentemente ao dr. José Corrêa, de vez que o "câmbio-negro" do pescado, desenvolvido por um forte "trust" de atravessadores, que adquiria todo o peixe aos pescadores, por preços irrisórios, para um enriquecimento vertiginoso, dominava toda a situação.

Primeiramente a compra de cinquenta e duas toneladas de pescado no sul do país, trazidas ao Recife pelo barco "Caldeas", justamente para possibilitar à Federação um perfeito abastecimento. Depois, a instalação de postos de venda em várias partes da cidade, como sejam: mercados de Encruzilhada, São José, Afoga-

UMA INICIATIVA SEM PRECEDENTES NA CAPITAL PERNAMBUCANA

GRATUITAMENTE

Uma casa pra você!

NO VALOR DE
300 MIL CRUZEIROS



— LOJAS DE TECIDOS EM RECIFE, JOÃO PESSÓA, CAMPINA GRANDE, MACEIÓ E NATAL —

Diariamente, o JORNAL DO COMMERCIO do Recife publica, com o Regulamento do Concurso, o cupão que deve ser colocado nos mapas próprios, fornecidos por qualquer das lojas "As Nações Unidas", aos seus incontáveis fregueses. Recorte êsse cupão, cole-o nos mapas referidos e habilite-se à posse de UMA CASA PRÓPRIA, já em construção no JARDIM SÃO PAULO, na capital pernambucana

MAQUINAS
SINGER

A SINGER SEWING MACHINE COMPANY tem o prazer de comunicar á familia brasileira, a quem vem servindo desde 1858, que já começaram a chegar da nova fábrica, — em Campinas, — Estado de São Paulo, as máquinas SINGER tipo doméstico.

Comunica, outrossim, que as referidas máquinas já estão sendo entregues ás pessoas inscritas, e que estão sendo aceitas novas inscrições.

Consulte a Loja SINGER, sobre o preço módico das novas máquinas.

O nome SINGER  garante o produto!

Grandes Moinhos do Brasil S. A.

MOINHO RECIFE

Farinha de Trigo

OLINDA

Farelo de Trigo

Rações Balanceadas

Avevita

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

RECIFE

PERNAMBUCO

UMA GENTILEZA DA

**LOTERIA DO ESTADO
DE PERNAMBUCO**

a minha, a sua, a nossa LOTERIA

RUA DA PRAIA, 169 — Fones: 7697-7698

End. Tel.: "LOTERIA"

TEM UMA FINALIDADE — ASSISTÊNCIA SOCIAL, FÍSICA E INTELECTUAL DO POVO PERNAMBUCANO

CONTRA REGRA — Conto de TELHA DE FREITAS

A PRESSOU o passo.

Na rua, quase deserta, há uma sensação de destinos frustrados, mas o homem gordo e calvo diz frases estúpidas, gesticulando com os braços profusamente. A Igreja fechada, os bares cheios de gente e uma música ordinária repetindo-se. Mariano consultou o relógio novamente. Foi inútil ter procurado um cigarro nos bolsos vazios. Se pudesse conseguir a atenção do diretor da peça e mostrar-lhe os movimentos corretos de um Napoleão, o papel seria seu, para dizer arrogante aquelas frases do Imperador, oportunas e dramáticas sempre e ter, com elas, os aplausos da platéia.

O gás neon anuncia a marca de um relógio prodigioso. Mariano redobra a caminhada, tentando chegar a algum lugar indefinido. Talvez rever um velho amigo de infância e com ele recordar os momentos felizes que viveu como menino-prodígio, grande promessa do teatro, impondo condições, vo-

luntarioso ao extremo, antecipadamente realizado. A noite, quando chegava ao lar, reconhecia o lugar de repouso e vinha-lhe uma sensação de vazio, com o relógio correndo de manso, quase traiçoeiramente, sugando-lhe o tempo, podando a sua juventude. Havia de ganhar uma oportunidade, um dia. Mas até então ninguém fôra ao seu encontro. Contra-regra, apenas, com os problemas quotidianos do pão, do vinho, da côr, do ritmo e do espaço.

Teve vontade de voltar-se e afagar o cachorro. O ponta-pé fôra muito brusco e a propósito de nada, mas prosseguiu, mais depressa ainda, sem vontade, porém, de chegar a lugar algum. Bom seria que a rua não findasse nunca mais e se perdesse na sua própria extensão, penetrando lugares proibidos e proporcionando-lhe momentos que evitara viver.

— O —

A luz forte do auto-

móvel embarçou-lhe os movimentos. Vinha de longe e de perto, do centro, da esquerda, da direita, em vertical e prolongava-se. Levou instintivamente as mãos à cabeça.

Os índios dançavam, rastejando o ventre na terra úmida. Outros apenas pulavam, mas havia alguns sem perna, de olhos imensos e de colorido excessivo que permaneciam ao lado de Napoleão, reparando-lhe o exótico chapéu de três bicos.

Alta, a cabeça minúscula equilibrada no pescoço desenvolvido, uma mulher transformava o sangue que escorria da carótida de Napoleão em jóias faiscantes,inhos, perfumes. No pátio, a montanha procurava fugir da cena e a mulher de amarelo, alta, excessivamente, dizia coisas sem nexos.

As flechas cravavam-se no corpo de Napoleão. Não havia dor: era somente o sangue a jorrar pela carótida. O rosto de um anjo sumia-se, repetidas vezes, no tronco da mangueira.



Ilustração de IONALDO

Diariamente,
milhões de vezes, no Mundo inteiro.



Goiabada

PEIXE



— a excelente sobremesa

Os camelos passaram velozes ao largo. As dunas tornavam-se vermelhas e amarelas, mas o sol estupidamente frio congelava-lhe na boca o desejo de dizer alguma coisa. Vieram animais e depois as serpentes enroscavam-se no dorso do planalto. Napoleão saltou sobre a vaga. As águas serenavam.

— O —

O médico deu ordem e retirou-se. Margarida, a mulher. João, Serafim, Godofredo, os irmãos, entreolhavam-se. Toinho, com os seus oito anos, gozava o espetáculo da chuva vista pelo grande vidro da janela.

No corredor, era a sombra da freira que se deslocava mansamente. De outro quarto, quase em surdina, vinha a música estridente de um swing. Em seguida, com a pressa de quem precisa de salvar uma vida, outro médico tentaria outros esforços. O armário branco, uma cadeira de balanço, uma lâmpada pequena iluminando o santuário e as pernas de Mariano Margarida perguntou fortemente atadas.

lhe se estava bem. Mariano, olhos fixos no rosto de Toinho, pediu água. A enfermeira veio dizer que não prolongassem a visita o doente disse a sua única frase: "Mataram o camelo!"

FRATELLI VIT

Uma Indústria
Genuinamente
Brasileira!

Guaraná

FRATELLI VIT

É Guaraná